chêgo e carinho de quem leva uma criança, um braçado de grossa lenha,—afinal, duas ou três ramalhoças. Isilda seguiu-a com a vista uns instantes; distraída, prolongou mais além o olhar; e, a já não muita distância, descobriu o vulto negro da Bárbara.

—O morcego! murmurou a rapariga.

E ficou-se a acompanhá-la, como querendo penetrar-lhe as intenções, ao menos adivinhar se lhes viria em visita. Não pôde porêm observá-la muito tempo; pareceu-lhe que a doente se havia agitado; correu a ela pé ante pé.

Luciana, efectivamente, mudara de posição um quási nada, mas continuava a dormir—se não era antes dormitar. A companheira ageitou-lhe a roupa e quedou-se um momento a examiná-la. Vincava-se no rosto da adormecida uma expressão de sofrimento, mesmo por vezes, de angústia; de quando em quando, um vago espasmo arrepelava-lhe as faces;—contudo não buliu mais o corpo. Devagarinho, Isilda afastou-se com receio de despertá-la: valia mais que o estar acordada aquele sono embora intranqüilo. Mas, pobre criatura! pensava, que nem sequer a dormir tinha sossêgo!...

Quando tornou a assentar-se à janela, prosseguiu scismando na enfêrma, para quem se tinha virado agora, e que avistava com a sua tez mortuária, amparada nos almofadões. Vê-la-ia jamais restabelecida? E se ela não melhorava, que aconteceria nessa casa? Para quando aquele enxoval? o que seria do seu casamento?

Para uma vigorosa e sadia como era, Isilda sentia-se muito abatida, no físico e no moral, extenuada pelas vigílias, por tantas e tão várias tarefas, por tantas emoções e tão intensas, por

tamanhas obsessões e cuidados; e, o que reputava ainda peor, sentia-se dia a dia menos forte. Todavia, afigurava-se-lhe, resistiria emquanto necessário; mas era únicamente em si mesma que podia ter confiança. Os encargos de Catarina, apesar dos embaraços de dinheiro, também esperava distribuí-los por mais alguns serviçais (seria apenas questão de semanas); no emtanto, se a criada continuava a afligir-se e a peorar, longe de ser uma ajuda ia em breve tornar-se uma nova canseira, uma preocupação assaz rude, não se sabia até que ponto um desgôsto. Mas Constâncio era o peor de tudo. Embora sobrevivesse à cura de Luciana, acabaria por ficar êle próprio, depois de tantas delongas, incapaz de toda a melhora.

Interrompeu-se um minuto, para aquecer as mãos ao braseiro; fazia essa tarde um frio trespassante...

O falecimento de qualquer dos da casa estava longe do seu pensamento; pelo contrário cria possível que, à parte maior pobreza, a situação recuasse ao que fôra não havia muito tempo. Duvidar não podia, não queria; parecia-lhe uma aberração, como o supor uma injustiça permanente regendo os destinos do orbe. Julgava inverosímil que o seu casamento fôsse mais uma vez transferido, e agora por circunstâncias fortuitas, alheias à vida dos dois interessados. Luciana melhoraria, talvez por um meio inesperado quando não pelo esfôrço do próprio organismo; melhoraria depressa —não estava tão mal como a imaginavam —; melhoraria de tôda a maneira, por mais prodigiosa que julgassem a mudança. E desde que estivesse restabelecida, seguir-se-ia a realização do outro desejo de Isilda. Não via com clareza, nem mesmo procurava ver, as dificuldades por onde então teria

ainda de passar, muito menos de que modo as venceria; mas a irresistível esperança de que a sua última ambição não tardaria em cumprir-se, operava nela o efeito dum pressentimento infalível.

De resto, actualmente, por instantes, começava a achar exaustas as fontes do seu altruísmo. A sua forte e exuberante juventude permitira-lhe viver naquele ermo, sem definhar nem sequer empobrecer; de tão aberta que era a sua natureza, conseguia dantes achar mesmo ali com que fartar o vigoroso coração, e pensamentos e cuidados de sobejo que lhe ocupassem o espírito ávido; tornava-a feliz e alegre a sua crente actividade; a coragem aliviava-lhe o presente e a confiança esplandecia-lhe o futuro. Mas tinha assim vivido muitos anos, para que não precisasse emfim duma nova existência; por sua parte, o extenuamento amolecera não pouco algumas das suas faculdades, para que ela mantivesse as demais ilesas. Estava cansada de aguardar e de dar-se, de volver as mesmas ideas, de vibrar dos mesmos sentimentos; anelava por partir. Até então esperara sem custo, contente senão satisfeita, a hora duma vida mais bela; hoje impacientava-se não raro, e por momentos aparecia-lhe como um dever ou oprimia-a como um sacrifício o que tanto tempo fizera livremente, sem cuidar, com alegria. Emquanto a considerassem amiga e necessária, não tencionava porêm abandonar nenhuma das três criaturas a quem estava repartindo tôdas as suas energias; a essa obrigação de ficar, a sua alma recta e pura não admitia um só sofisma; mas os seus devaneios, involuntáriamente, fixavam-se cada vez mais férvidos num porvir longe dali.

A agulha corria e volteava entre os dedos finos de Isilda. Agora, sómente a largos intervalos

e ainda assim meio abstracta é que mirava a doente; baixava os olhos sôbre a costura e deixava esvoaçar o pensamento.

Quando chegasse o dia triunfal, podia orgulhar-se da sua felicidade, por mais perfeita que se lhe deparasse; não a obtivera por um acaso; tinha-a ganhado pela sua pertinácia, merecido pela sua constância confiante e sem desânimo. Fôra um bem êsse esperar sem fim, essa longa paciência; gozaria assim melhor o muito que lhe estava reservado, — como se goza e se economiza um proveito lícito, como se encarece um prémio legítimo, demorada e ardentemente cubiçado. Abençoada a sua vivaz expectativa, e abençoadas também as suas fadigas, os seus pesares, as suas abnegações, que lhe fariam mais saborosa a suavidade do futuro. Tôdas as inquietações e esforços de hoje, devaneava, seriam pagos e repagos por dias de infinita clemência, de inexprimível doçura, de inimaginável plenitude.

Um alvorôto trivial, mas já próximo e estrepitoso, arremessou-a de novo para as realidades do presente. Espreitou por trás dos vidros a ovelhada, que recolhia. Era um esquadrão de informes novelos, que caminhavam vagarosamente, desunindo-se ou apertando-se, balanceando os pescoços onde, nalguns, chocalhos retiniam, ou erguendo as cabeças de olhos lânguidos e chavelhos retorcidos, lançando enternecidos e explícitos més, ora cavos ora agudos, batendo as unhas numa rija estrupida, ladeados, perseguidos, por dois molossos irrequietos. Na retaguarda, a pastora, com uma comprida capa pelos ombros, alçando o pequeno cajado procurava apartar dois poderosos carneiros que turravam temívelmente; deixavam-se ficar para trás, e, tomando campo onde

quer que podiam, atiravam-se um contra o outro, cegamente, focinho baixo, à marrada testa com testa. Precedendo o rebanho maior, um outro rebanho de ovelhas minúsculas cabriolavam elásticamente: as mais estúrdias avançavam de lado, num andamento desigual, cortado de imprevistas palhaçadas; as mais pacatas marchavam serenas, mas de súbito pinchavam, levantando as quatro patas e rodopiando no ar.

Quási defronte da janela, o bando de cordeiros à frente, encetou uma algarada. Retrocedendo em tropel, num galope azoratado, aos catrapinotes, flanqueavam tôda a multidão até ao extremo, e, enxotados pela pastora ou acometidos de novo frenesi, outra vez galopavam para a vanguarda, espinoteando por entre a chusma. Dispersos por esse vaivem, os grandes ficavam hesitantes, mais ainda se delongavam na sua natural indolência, alargavam os desvios, de que eram bastante useiros, para dentarem alguma ponta de erva, emquanto uma ou outra das crias, interrompendo de improviso as corrimaças, se aferrava às têtas da mãe, que parava escachando os pernis, com o grosso tufo da cauda quási a arrastos. Mas os cães, silenciosos, numa suprema actividade, incorporavam os vagabundos, acossavam os tardonhos, —e o esquadrão, disciplinado um instante, magote de túrgidos fardos, amiùdou momentâneamente o passo, tilintando, tropeando, balindo.

Passaram, e já iam distantes quando Isilda se recordou da *Bruxa*. Não a avistou, por felicidade; estava naturalmente longe. Olhou ainda para o fundo do vale. Levara sumiço; em boa hora! E a rapariga experimentou um descarrêgo.

Tinha recomeçado a costurar, e concentrou-se agora na sua obra; só quando por vezes endirei-

tava o busto para melhor respirar, fitava em frente um pedaço de encosta, submersa dum dilúvio de cascalho, coroada de enigmáticos fraguedos, que lembravam corpanzis de monstros, brancos porêm como ossadas, para ali assim a apodrecerem ...

De repente, Luciana soltou um gemido ; a companheira deteve-se inquieta. Outro gemido mais profundo e mais doloroso ; Isilda depôs a costura e ficou em pé, a escrutá-la, ainda indecisa. A enfêrma deu um grito sufocado e abriu os olhos num esgazeamento.

— Isilda! Isilda! chamou com voz débil.

Mas já a amiga, em bicos de pés, acudia. Luciana estendeu-lhe a mão, viscosa duma fria lentura ; e, embora o braço descaísse de frouxeza, tentava apertar-lhe com fôrça os dedos, como num mêdo que quisesse ressarcir, ou apenas para demonstrar aos próprios sentidos que cessara de sonhar.

— Nem dormir posso ao menos tranqüila! sussurrou.

— Que sentias? ... Foi algum pesadelo?

A doente fez uma leve afirmação.

— Hás-de contar-me, não é assim? rogou Isilda.

Queria estar plenamente informada do que acontecia naquela alma, considerando que a sua intervenção seria eficaz muitas vezes e em geral necessária.

Luciana descansou mais uns momentos ; e com o semblante repuxado de angústia à lembrança dessoutra angústia maior, referiu o que acabava de sonhar.

Mais ou menos consciente, o receio dum próximo fim não abandonava a enfêrma. Insinuava-se nos seus delírios de febre, condicionava-lhe os sonhos, ocasionava-lhe alguns dos pesadelos ... Esse que estava agora historiando. fôra mais ní-

tido e mais coerente do que nenhum até então, portanto ainda mais emocionante; compusera-o porêm, como de outras vezes, com imagens dos seus falecidos. — Isilda asserenava-a, ou desamedrontava-a, ou submetia-a a pequenas pausas, ou impelia-a, acariciando-lhe a mão que pousava sôbre a coberta e interpondo únicamente algumas palavras soltas...

Mal Luciana terminara, muito exausta pelo recapitular de emoções e pela longura da narração (a companheira supusera mesmo que ela não chegasse até final), quando Catarina abriu de manso a porta e entremetendo a cabeça murmurou:

— Ah! já está acordadinha!... Pois venho prevenir as meninas que temos lá em baixo a maldita, e com grande vontade de subir cá acima, a atravessada! É para as meninas se acautelarem...

— Mas de quem? de quê? preguntou a doente, atemorizada.

— Da Bárbara, calculo eu.

— Tal e qual, confirmou a velhota. Tenho estado a ver se a estorvo de subir; mas numa volta que eu dê, poderá levar a sua avante.

— Não terá êsse atrevimento, refutou Isilda.

Porêm a amiga, cujos nervos não tinham resserenado do sonho, interrompendo com exaltação:

— Manda-a embora! ordenou para a criada. Não quero pôr-lhe a vista em cima, entendeste?

E numa apóstrofe angustiada:

— O que pretende ela? Que mal lhe fizemos?... Pede-lhe muito que nos deixe.

Rompeu em soluços irreprimíveis, de esgotado desequilíbrio.

— Pede-lhe com as melhores palavras, promete-lhe tudo, — balbuciava, sem já saber o que dizia, — contanto que eu nem a pressinta...

— Então, minha boa Luciana! não te aflijas assim . . .

— T'arrenego! T'arrenego! esconjurava a velhota, contrita,

Foi uma crise tão violenta quanto breve; aliviada ou extenuada, Luciana enxugava as lágrimas. A criada aproximara-se tôda inquieta, oferecendo serviços.

— Vai, Catarina, vai para ao pé dela vigiá-la. Já estou sossegada, não te amofines . . .

E para maior segurança, voltando-se para Isilda:

— Chega tu num instante lá abaixo e vê se podes despedi-la.

A resmungar imprecações contra a *Bruxa*, a serva ia saindo a passos perros, embora com uma pressa interior de despachar a intrusa; a rapariga seguiu-a, e no corredor passou-lhe adiante, descendo a escada com uma presteza resoluta. Catarina ainda propusera:

— Deixo-me antes ficar aqui, visto isso.

Ela, porêm, respondeu que era oscusado, tão pouco tencionava demorar-se. E a distância, virando-se, bradou-lhe:

— Ponho-a na rua sem mais ceremónia, afianço-te.

Levava um ódio furibundo contra aquela intempestiva. Entre dentes chamava-lhe coruja. Não lhe bastavam os crimes de que a suspeitava culpada, ainda havia de vir agora alvoroçar a doente! Êsse bem menor delito, a sua afeição avolumava-o, e, por flagrante, extravasava a medida.

Todavia, ao entrar na cozinha, estacou: a sua resolução caíu ante a surprêsa. Mateus havia partido, e assentada na ponta do escano, com o chale

de luto ensangüentado pela fogueira, a Bárbara inclinava-se, com um bichaneio, para o ouvido de Constâncio. Que lhe diria? pensou Isilda. Era aquilo verdadeira intimidade ou simples desfaçatez da extraordinária? Tratava-se duma conversação de dementes, de recordações de decrépitos, ou ainda haveria naqueles crânios pensamentos actuais a trocar? O velho resmoneava o que quer que seja. Mas como podia ela, em voz tão baixa, fazer-se ouvir daquela surdez?...

Não tinham notado a sua presença. Cheia de perturbação, Isilda adiantou-se alguns passos no lusco-fusco da cozinha. Ficava ainda perplexa no seu propósito de despedir a impertinente; mas não ousava acercar-se mais, nem por emquanto interpelá-la, nem sequer levantar rumor. Experimentava de resto uma imensa curiosidade de perceber o que estavam debatendo — não fôsse, ao menos, senão o assunto —; ao mesmo tempo, contudo, tinha mêdo, mais que duma inconveniência, — como dum segrêdo terrífico que lhe seria funesto devassar. A *Bruxa* fez um movimento; a rapariga recuou; num reatear do lume entreviu-lhe as feições de abutre; e o mesmo asco irrefreável que sentia últimamente ao divisá-la, ela para quem a feiticeira fôra dantes uma indiferente, decidiu-a a retroceder e a evadir-se sem ruído.

V

ISILDA regressava ao quarto da enfêrma, com uma lentidão envergonhada, com uma hesitação bem oposta à firmeza que trouxera. Procurava justificar a sua desairosa desistência. Não aceitava que tivesse sido pânico, porque se sabia intrépida; ao lobrigar, porêm, essa viseira antipática, havia-se talvez lembrado das suas desconfianças sôbre a dúbia personagem — e como não sentir repulsão em falar-lhe!?... De mais, o ensejo parecia mal-asado para desfeiteá-la expulsando-a; Constâncio, fôsse porque fôsse, estava-lhe ligando importância. O que Isilda nunca teria imaginado, era encontrá-los assim em colóquio! Que quereria aquilo dizer?... Mas como, no afastamento, a impressão se ia obliterando e a razão prodominava, — «talvez nada», respondia consigo. Cogitava, no emtanto, sôbre o que referiria à amiga para explicar a retirada. Que a Bárbara cochichava com o avô e que ela não se atrevera a interrompê-los? Que receara... — não, que se vexara de vir a ser surpreendida a escutá-

-los?... Seria êste, afinal, o verdadeiro motivo. Todavia, o essencial era menos desculpar-se do que tranqüilizar a doente. Entretida com a conversa, a Bárbara não arredaria pé; Catarina enganava-se decerto... De toda a sorte, pelo sim pelo não, Isilda, quando entrasse no quarto, propunha-se dar volta à chave.

Havia sido um desarranjo o tal sonho, e se a narração fôra um desabafo, também fôra uma exaustão; tentara em meio atalhar Luciana e nunca a teria instigado se previsse tão dilatado conto; agora, o único remédio seria não peorar o mal. Esperava para isso cruzar com Catarina e recomendar-lhe que essa noite não voltasse a aludir à velha, sobretudo que avisasse já o amo de que a neta tinha acordado — a experimentar assim se, retirando êle, a *Bruxa* emfim abalava. Isilda tornaria a descer para lho comunicar ela própria, não estivesse a enfêrma sòzinha; apertaria ao menos com a serva, — a quem não seria fácil, nessa tarde enregelada, expulsar a outra de junto do fogo. Por azar, a criada sumira-se, como se o chão a houvesse engulido; em todo o percurso até à alcova, a rapariga não conseguiu encontrá-la.

Naturalmente — ocorreu-lhe, já com a mão no belho da porta — a velhota fôra à talha, nos baixos da casa, tirar azeite para os candeios: com a sua incúria camponesa deixava-os para o último instante, e bastas vezes, ao querer temperá-los, dava com a almotolia escorrida. De facto, logo que entrou, Isilda foi tatear sôbre a cómoda e achou falta da lamparina.

— Que cabeça aquela! censurava. Mas para que há-de ela teimar tanto em se encarregar aqui da luz!?...

Lá do seu leito, Luciana desculpou:

—Está acabadota, doente e esquecida, coitada! O que tem é boa vontade...

E num murmúrio ainda mais subtil:

—Sempre se há-de recordar; não a chames. Faz-me menos tristeza o crepúsculo do que essas noites sem fim. Depois, ainda se vê o preciso...

Para a satisfazer quanto possível na sua avidez de brilho do dia, a companheira, já muito antes de sair, afastara bem os cortinados; e agora, ao acabamento da tarde, vagamente misturava-se um luar.

—Sim, tens razão! concordou Isilda, resignando-se a omitir as instruções que reservava para Catarina.

Mas, segundo o projecto que formara, dirigiu-se para a porta, à socapa, e fez de manso girar a chave.

—Como te sentes? preguntou ao voltar.

—Assim, assim. Um pouco ansiada...

—São ainda conseqüências dêsse maifadado sonho, quási jurava. Deixou-te quebrada de comoções...

—Se te parece! Se te parece!...

—Os sonhos não passam de ilusão.—Provávelmente, êsse que hoje sonhaste, é a imagem dos teus medos infundados.

—Infundados!?... Vê lá tu se te atreveste a cumprir o que prometeste há alguns dias: ajudares-me a levantar!

A amiga iludiu o reparo.

—Tudo para ti, últimamente, é motivo de superstição. Do que tenho pena é que fôsse inútil tirar daí êsse quadro. Inútil—senão coisa peor, acrescentou absorta.

—Por isso mesmo eu afirmo que o que me está sucedendo tem origem mais profunda...

— Avisos do céu, não é verdade?

E Isilda lançou uma gargalhada falsa — nervosa e preocupada desde que aludira ao retrato.

— Já falaste demais esta tarde, rematou; não te pode ser de proveito.

Encaminhou-se para o vão da janela e começou a arrumar a costura, para a levar para junto da cómoda quando viesse a lamparina.

— Afinal — ia criticando com agrura — tantas figuras desaparecidas, tantas memórias antigas, a cada canto topar com uma história, para que pode servir isso? Para encher a cabeça de delírios, para enlouquecer de confusões. Vale mais ser como eu sou — ou como eu era, resmungou consigo, — não conhecer, não ter antepassados, nem suspeitas de fidalgaria. — Retratos, só os queria de vivos.

Fincara a testa na vidraça, e quedou-se um momento a meditar nas suas próprias palavras, tão túmidas de melancolias. Que lhe importava porêm o seu nascimento impenetrável, desumano mas já tão longínquo? Ou mesmo o presente, abandonado, entre essas paredes colgadas de avoengos? ... Não seria em todo o caso viver? E viver era o essencial, era contentamento bastante. Viver, viver, viver! ... — Mas também, isso tinha ela seguro — anos inumeráveis diante de si! Para que, pois, ter pressa da felicidade? Por mais que tardasse, não podia faltar — e tal como ela a devaneava. Não temia que coisa alguma se interpusesse às suas esperanças, nenhum obstáculo definitivo; não receava fôsse o que fôsse, nem transformações, nem velhice, nem morte ...

Assim como essa reacção contra a amargura a ia erguendo ao seu estado natural — embora já não o mais freqüente, — assim também subiu o

seu olhar. As montanhas eram negras cinzentas, mas ainda um por um se podiam contar, mais ou menos esfumados, os seus bravios incidentes; lá no alto, a lua reverberava, — um meio disco de prata despolida; no oriente, pestaneando, principiavam a acender-se as estrelas; ao poente despedia-se a tarde com delicadas diluições de carmim. —Um dia finda, outro começa; a vida não se fica na tristeza. Depois da noite há sempre uma aurora — é de singela evidência. Que custa a esperar com placidez e entretanto respirar com volúpia?...

No silêncio e na obscuridade, Luciana voltou por uns instantes a scismar no seu sonho temeroso. Era uma desatinada aventura cuja simples recordação a horripilava.

A doente tinha sonhado que seu pai acabava de chegar de jornada e subira antes de mais ao quarto dela para saciar as longas saudades. Vinha todo coberto de poeira, com os cabelos revoltos, como quem houvesse cavalgado, horas e horas, montes e vales, à rédea solta. Luciana ouvia ainda as ferraduras do cavalo, a escarvar no pátio,—e decerto o percebera a grande distância, pois se levantara muito lesta e já estava engalanada com um airoso vestido claro quando o pai acorreu a abraçá-la. A sua alegria era infinita por tornar a vê-lo depois de tal ausência, regressado enfim duma viagem que durara tantos anos. «Já ninguêm o esperava, dizia-lhe. Pensávamos que tinha morrido. Mas eu, por mim, nunca me consolei da sua falta, sabe?» «Por isso mesmo venho buscar-te». Ela teve uma hesitação. «Sim, fez bem; quanto lhe agradeço! exclamou afinal. Quem me dera viver a seu lado! Estou tão mal aqui nesta casa!...» e mostrava-lhe em redor os

trastes abjectos da alcova, aleijados, a ruirem de carcoma, ascorosos de teias de aranha; indicava-lhe com a ponta do pé, num desprêzo e repulsão, a estripada enxerga em que dormia. Acrescentou: «Eis a que nos reduziu a minha doença!» O fidalgo contemplava-a apenas, com um afecto reprimido,—escarranchado numa bojuda pipa, a derradeira da colheita, que atravancava o meio do aposento. «Mas porque esteve tanto tempo sem nos mandar notícias suas?...» «Impossível! respondeu êle com um sorriso misterioso que perturbou Luciana. Não há correios no país onde habito». «É longe?» «Imensamente longe». Perpassou nela um calafrio. «E quando partimos?» aventurou. «Ainda hoje... Agora mesmo». Mas a filha, mirando-o melhor, viu-lhe no fato como nódoas de ferrugem, manchas velhas e apagadas de sangue, que pouco a pouco se volviam rutilantes. «Dê-me vagar para reflectir, para fazer as despedidas...» E numa ansiedade que pretendia encobrir: «Talvez eu prefira ficar». «É que não podes, objectou êle. Pegou o fogo aos quatro cantos do celeiro; e de tudo isto, antes de amanhã, não restará pedra sôbre pedra. Acabará, como o mais que é dêste mundo, o nosso nome, a nossa família, o imponente solar de nossos avós». Luciana abateu o olhar e retrucou brandamente: «Sou-lhe muito afeiçoada, meu pai, e acredito no que anuncia; mas consigo não irei.» «Irás então com teu marido que está lá em baixo esperando por ti...» «Meu marido!? interjeicionou, cheia dum oculto alvorôço. Com êsse vou para onde quer que seja. Sinto-me tão infeliz desde que êle faleceu!...» «Anda pois, redarguiu-lhe o recem-vido, que já não era agora Vasco mas justamente o seu consorte. Bateu a hora

solene de nos reunirmos». E antes que ela opusesse resistência: «Demasiado tenho estado à tua espera. Mas nunca mais nos separaremos». Assim falando, pegava-lhe na mão e conduziu-a suavemente ao alto duma larga sumptuosa escadaria, que começaram a descer pausadamente. À medida porêm que baixavam, tornava-se mais vertical e mais funda; depois, retorcida em caracol como se fôsse brocada na muralha duma torre altíssima; finalmente, ainda mais apertada e escura como se profundasse num poço angusto... Ela apressava a descida, tomada de inquietação; mais abaixo, desgalgava os degraus três a três, com um crescente sufocamento; atirava-se por último lances inteiros, numa urgência tresloucada de chegar: afigurava-se-lhe que aquele tombo não devia jamais ter fim. «Acode-me!» conseguiu gaguejar numa súplica. E seu marido, reaparecendo, aparou-a nos braços.—Achava-se no portal duma casa, onde realmente residira com êle, mas que deitava agora para uma praça grandiosa duma capital que não conhecia. O cavalo lá estava a patear, amarrado a um poste dos telégrafos. «Voa mais que uma andorinha êste *figuro;* trota a par da electricidade lá em cima pelo fio. Virás assentada na garupa». Mas Luciana assustou-se examinando o animal. Era negro, possante, nervoso; parecia lançar clarões pelos olhos. «Para onde me levas? investigou. Só posso ir para um clima quente, bem sabes». «Cá debaixo da terra nunca há frio. Levo-te para junto de todos os nossos, para o palácio do Grande Silêncio». «Para aí, não! Para aí, nunca!» bradou ela, que entendera; —e largou a fugir com horror.

Atravessou sem tomar fôlego a vasta praça vazia, circundada de edifícios desertos, janelas

ermas e portões aferrolhados, como numa cidade empestada; e encarreirou por uma longa avenida. Seu marido tinha montado e perseguia-a a distância, com uma horrífica tropeada, agarrado às crinas da horsa; Luciana mal virava a cabeça, só cuidando em conservar a esbaforida dianteira. À proporção que avançava, a multidão vinha aparecendo, entrecruzando-se no giro dos negócios e no afan dos prazeres, ou parando a observá-la, mas Luciana corria sempre, estonteada, sem que nada detivesse o seu pavor: esgueirava-se por entre as carruagens, furtava-se aos cavaleiros, empurrava, derribava os peões, através de ruas, de largos, ainda outras ruas, dessa cidade colossal e tenebrosamente muda. Arquejava; o coração pulava-lhe de susto e cansaço; angustiava-a a sensação de que dentro em pouco seria alcançada, e a única esperança que ainda a impelia, era encontrar novamente o portal da sua casa e voltar para a sua cama, bem aninhada, imóvel, liberta. Entretanto havia-se embrenhado, afim de trocar as voltas, num labirinto de vielas; insinuava-se por descuradas travessas de bairro velho, serpeava por confusas encruzilhadas, dissimulava-se com as esquinas; mas ouvia sempre a galopada atrás de si, e ir perdendo terreno, percebia. Esbarrava de entontecida, tropeçava e de esgotamento estatelava-se, juntando as fôrças levantava-se ainda e prosseguia cega, boquiaberta, a estoirar; os predios debruçavam-se alterosos, deixando passagens cada vez mais estreitas; ai dela se por equívoco metesse por um bêco sem saída!... Agora, apenas desembocava numa quelha, o seu perseguidor surgia logo após, todo deitado sôbre o pescoço do cavalo, estendendo o braço para empolgá-la; ela encolhia-se, abrigava-se com os torcicolos do ali-

nhamento, retesava em derradeiros esforços as pernas que lhe vergavam e conseguia reganhar curtos avanços... Mas não podia mais; caíu sôbre os joelhos. Sofreado de repente, o cavalo chapou-se ao seu lado, e já o marido a seguarva pelos cabelos; Luciana estrangulava; teve um ímpeto supremo — e achou-se de novo no seu quarto, dentro do seu almejado leito, com o coração palpitando a estalar.

Aos pés da cama, aprumado e quêdo, seu pai, outra vez a fitava, com uma ternura tranqüila; ela cerrou os olhos para não ver, para que a deixassem repousar finalmente. «Nem comigo nem com êle queres vir?...» «Não posso,» sussurrou a filha. «É que já me não respeitas!» «Sim, respeito,» tentou responder. «E já não estimas teu marido... » «Estou doente, muito doente; é-me impossível partir,» repetiu Luciana com desalento, numa voz frouxa e dolente, que o ruído das palpitações abafava. O fidalgo, então, avançou para ela e pousou-lhe a mão sôbre o lado esquerdo, para avaliar o seu estado de saúde: contava-lhe as pulsações. Essa mão, porêm, pesava chumbo, mais e mais dura, atrocíssima; a enfêrma gemia ao contacto como se lhe estivessem cortando todas as raízes que a prendiam à vida, ansiava, contorcia-se; pôde afinal soltar um grito estrídulo... — e com êsse grito acordou.

— Que horror! que horror! meditava ainda.

Mais segura todavia com a presença da companheira, que continuava de costas voltadas,—menos a espreitar a noite do que a recuperar-se, perto da brazeira, da friagem do corredor, — Luciana, aniquilada de fadiga, acabou por baixar as pálpebras. Emquanto ficara só, não tinha ousado fechar os olhos, receosa de agravar, concentrando-se, a afli-

ção dos seus pensamentos. Agora não sucedeu porêm assim; ganhou-a depressa um enlanguecimento que lhe esfrangalhou todas as noções; apenas perpassavam indecisamente imagens soltas e desalinhadas, sem quási significação nem abalo. Era uma embrulhada de dormitamento, em que sobressaíam peripécias do pesadelo de há pouco. Por fim, prestes a adormecer, a sua imaginação fixou-se um instante: junto do leito, como ainda agora, direito e impassível, via seu pai a remirá-la. Era uma reminiscência de sonho, que logo se tornou uma nítida visão. Ouviu distintamente articúlar: «Queiras ou não, tens de seguir-me...» — e ergueu as pálpebras, espavorida. Aos pés da cama, efectivamente, estava um vulto imóvel e erecto — uma mancha de negridão nas penumbras do anoitecimento. Luciana ficou trespassada; sentiu-se enforcar de horror. Sonhava ainda? Estava desperta?...

— Isilda! tartamudeou.

O vulto fez um pequeno movimento e pronunciou com voz imperceptível:

— Sou eu. Para que se há-de assustar?... Sim, sou eu mesma. — Pois quê! Tinha de vir de tôda a maneira...

— Isilda! clamou Luciana, já certa de que não dormia.

A rapariga virou-se de súbito; adiantou-se dois passos e estacou assombrada.

— Quem está aí? interpelou num arranco, com um timbre que o pavor demudava.

Pois não fechara a porta à chave!?...

Respondeu-lhe uma fala melosa.

— Quem há-de ser, menina Isilda? A pobre velha. Quem há-de ser?...

Isilda reconheceu a *Bruxa;* e a sua aversão,

sufocada tantas vezes, e, ainda nessa tarde, frustrada, explodiu num furor acumulado:

— Fora! Fora daqui! Alguêm lhe deu consentimento...? Teve então a petulância...? Fora! Fora no mesmo instante!...

A Bárbara não resistiu.

— É assim que se trata uma amiga verdadeira? murmurou apenas — quási uma segunda mãe...

Escoava-se lentamente, como uma sombra por entre as sombras.

— Que mal faz esta triste velha! Se subi, é por querer muito à doentinha...

Isilda não a escutava.

— Saia! Vá-se! insistia sempre, com a voz tremente de cólera, quási sem consciência da enfêrma. E nunca mais ponha os pés nesta casa!

— Esteja descansada, minha boa menina. Mas não me tratava assim se me conhecesse melhor...

— Conheço demais, sr.ª Bárbara.

— Não, não conhece, minha rica filha.

E quando já transpunha o limiar:

— Mas há-de vir a conhecer...

— Rua! Rua! e sem mais palavra!...

Assomou ao corredor; — num derradeiro desfôrço:

— Não tenho mêdo das suas ameaças. Fique sabendo que não a temo.

Retrocedeu para junto do leito, solícita, consternada pela sua turbulência.

— Minha querida querida Luciana! Desculpa o meu arrebatamento. Perdoa-me esta inconsideração.

Porêm a mão da doente era de gêlo; Isilda largou-lhe o braço, que caíu inertemente. Palpou-a;

não respondia, não dava o mínimo acôrdo, — desmaiada, morta de terror.

Correu para a porta, enlouquecida, insensível a tôda a prudência.

— Uma luz, Catarina! Depressa! Traze uma luz! Cat'rina! Cat'rina!...

VI

No seu imenso leito assentada, oculta em sombras, num agoureiro entorpecimento, — que sono seria aquele!? — Luciana dir-se-ia uma ilusão. Era tão débil, tão sombra ela própria, entre os reflexos dessa luz de velar mortos! Parecia que a tinham deixado ainda ali hoje, emquanto não a embrulhavam na mortalha... — Aberta e ao alto, uma caixa de xarão, que fôra em épocas melhores guarda-joias, improvisara um quebra-luz à lamparina — um pavio dentro dum copo, sôbre uma bóia em azeite. Do lado da chama, junto à meia-cómoda, com uma botija de água quente sob os pés, a amiga e enfermeira da doente dispusera-se para a vigília, e, afim de sacudir o sono, como de ordinário fazia nos momentos mais tranqùilos dessas noites, entregava-se aos costurados.

Há muito que não se deitava entre lençois. Quando já não podia resistir, geralmente para a modorra da alvorada, encostava a cabeça à parede e dormitava mesmo na cadeira. Uma vez por ou-

tra, no começo da noitada, antevendo maior sonolência, pedia a Catarina que a revezasse — com ordem de chamá-la ao primeiro sobressalto, — entretanto que ia para o seu quarto repousar uma hora ou duas. Mas não tinha confiança na velhota, que fácilmente adormecia, e para mais sentia dó dela, muito achacada, moída com um mourejo superior às suas fôrças. Havia coisa duma semana que o Tio Grande pernoitava também lá; desde a ante-véspera, contudo, em lugar dêle a mulher — emquanto não entrasse a outra criada. O homem era uma boa sentinela postada em baixo na cozinha, e serviria para um recado urgente; no mais, fraco auxiliar; ela, porêm, tinha grande préstimo: incompetente, talvez, para ficar sòzinha ao pé da enfêrma, era no emtanto uma óptima ajudanta, desvelada, carinhosa, dextra. Isilda conhecia-lhe os méritos, mas igualmente a sabia muito apensionada com os filhos e duma saúde delicada; hesitara bastante tempo em solicitar dela êsse favor, do marido êsse sacrifício, — e agora mesmo, para não importunar, reservava-a para um lance crítico e pouco a utilizava a desoras.

Apesar do silêncio da alcova, dessa funeral semi-escuridade, a rapariga, naquela noite, não toscanejara ainda; trabalhava febricitante, desejosa de acabar o enxoval, onde dava os pospontos finais, e receosa de que o mal-estar da doente a viesse interromper. Luciana, com efeito, principiara a bulir, como que tentava vãmente remexer-se; de espaço a espaço soltava gemidos ou palavras ininteligíveis; sim, morta não estava por emquanto, não despertava porêm dêsse dormitamento ambíguo, não saía, por mais que se movesse, dessa suspeita madorna. A amiga olha-

va de cá, mas não se levantava por tão pouco, de tal modo habituada àquela opressiva agitação e a crises mais tormentosas: não deveriam tardar as dez; havia perto duma hora que Catarina se recolhera e que ela estava sem pausa costurando; —já quási que estranhava e que a assustava a longa quietação de até há instantes. Porque Luciana, nos últimos três dias, em seguida ao seu sonho tremebundo e à subreptícia entrada da *Bruxa* (a porta, como depois se explicou, ficara fechada em falso), havia peorado extremamente.

Todos os órgãos, parecia, estavam agora interessados: não funcionavam uns; outros, mal. Não eliminava; não digeria; respirar era um problema. Um sangue envenenado circulava preguiçoso, congestionando as vísceras, entorpecendo os membros, paralisando os nervos, mutilando-a aos poucos, em vida. Tinha havido outra visita, que se esperava, do clínico incomparável; mas não dera resultado. De dia, às vezes, num esfôrço demasiado, Luciana, amarela de cera—de tão exangue mas branca que fôra,—com as faces muito encovadas, os beiços delgados pálidos, o nariz descarnado e violento agora, só com espírito nos olhos escuros que lhe haviam devorado todo o rosto e refulgiam de febre, conservava-se alguns momentos acordada, silenciosa, perfurando tudo; breve porêm resvalava na indiferença,—e o mais do tempo passava-o no torpor, na subconsciência, no delírio.

Entre enxames doutros desvarios, o seu último pesadelo ressurgia; tornava a sonhá-lo aos farrapos, ou antes, a delirar com êle; sem que disso tivesse a nitidez, empolgara-lhe a ideação automática. Via-se de novo a correr pelas ruas da infinda cidade, dessa metrópole dos mortos; e

sôbre isto construía variantes, mais ou menos inconcretas mas sempre atormentadoras, — uma delas, principalmente. Ia fugindo sem termo nem descanso; de instante a instante, porêm, fazia-se mais espêssa a concorrência. Ela tremia no íntimo de que por fim lhe obstruíssem a passagem; e, atentando melhor nessa turba, sentia redobrar o desvairamento. Eram tudo rostos de côr terrosa, com pupilas envidraçadas, como acabados de desenterrar, e, por sob as pregas das elegantes e as sobrecasacas dos janotas, a fugitiva adivinhava arcaboiços esburgados, arestas de ossadas a furarem; avistava de relance cúbitos alvos saindo de punhos, nuas falanges meneando bengalas, e por vezes, num apanhar de saias, vislumbrava um par de tíbias, ou distinguia de corrida, ao entreabrir duma capa, ossaturas inteiras desnudadas. Os marialvas curveteavam em carcassas de rocins; e os veículos que ela evitava, eram esqueletos de trens puxados por fantasmas de cavalos; também agora, estapafúrdiamente, rodopiavam espectros de ciclistas pedalando impalpáveis rodas, de que se desviava num salto; badalavam sinetas afonas na frente de ónibus eléctricos; passavam sombras de automóveis interceptando-lhe a fuga, conduzidos por visões a espremerem surdas buzinas; — e tudo aquilo se movia, compassada ou vertiginosamente, no mais calado silêncio, como uma hedionda caricatura da vida. Emtanto que, mais e mais perto, com um eco largo e formidando, como se fôssem de bronze, ressoavam aos ouvidos da aterrorizada, entre os zumbidos dessa carreira delirante, as patas do animal fabuloso que cavalgava o seu perseguidor. E ela corria, corria sempre — contornando os obstáculos, salvando-se de atropelamentos,

acotovelando os manequins desengonçados com máscaras de moribundos—através de ruas, de ruas, de ruas; ou evadia-se frenética, ofegante, por becos de bairro antigo, roçando uma plebe de amortalhados, defuntos da vala comum... Abria os olhos; tudo se evaporava. Mas nem sempre conseguia abri-los, e a alucinação recomeçava, repetindo o mesmo ciclo, mais pormenor menos pormenor, já não tanto aterradora, ainda assim, quanto mortalmente exaustiva.

Quando se tornava mais coerente o delírio, nunca deixavam de figurar, abreviada ou prolixamente, uma ou várias passagens do sonho, momentâneas ou repisadas, mais firmes ou mais esbatidas, adulteradas de ordinário, mas também, freqüentemente, exactas reedições da primitiva ou de mutações ulteriores. Em qualquer caso, Luciana, de quási nada guardava lembrança; e a amiga sabia apenas que ela não cessava de sofrer por todos os modos possíveis, e que, embora tão prostrada, a relativa mocidade do seu cérebro conservava alentos bastantes para ajudá-la a penar. Isilda, às vezes, pensava em acordá-la; mas era trazê-la à consciência de sofrimentos não menores, mais palpáveis, menos inconstantes,—se mesmo conseguisse por momentos arrancá-la ao desassossêgo do febrão.

Contudo, naquela noite, achasse Isilda um pretexto a dar à enfêrma, e já a teria despertado. Bastava talvez que durante um minuto ela voltasse à realidade, para que não reatasse as ficções que agora a estremeciam, para que a inquietação abrandasse, e pudesse, como há pouco, sonhar imaginações mais serenas. É que Luciana, a companheira pressentia-o, não conseguiria por muito mais tempo resistir aos seus padecimentos, sem

sustento nem repouso. O essencial da enfermidade, como lhe era obscuro nas origens e misterioso nas conseqüências, não lhe causava o mesmo cuidado; mas consumia-a e preocupava-a ver a desventurada, já tão enfraquecida, levar noites e noites atrocíssimas.

Na imobilidade do casarão, Isilda escutava o silencio, à espera de ouvir as dez horas. Eis aí o procurado ensejo de derivar os tresvarios da doente: quando lhe apresentasse o remédio! Assim êle lhe impusesse confiança, e a deixasse esperançada sequer uns instantes! Mas tal não acontecia com o último receituário; Luciana antes afirmava que êle a fazia peorar — e a amiga, até certo ponto, lá bem no íntimo não discordava.

Não supusera tão difícil o recobrar a saúde, nem que perdê-la fôsse tão fácil. É verdade que a sua camarada, desde o falecimento do marido, fôra sempre uma desgostosa, com um aspecto de desalento, que lhe punha um quê de invalidez. Porêm Isilda, em confronto com o presente, ousava chamar a êsse estado saúde, e lembrava-se de que ela, algumas vezes, tinha uma expressão de apaziguamento e acessos curtos de quási alegria. E suportara óptimamente o clima, ao chegar, havia agora um ano. Saíam as duas a passear no parque, freqüentemente mais longe, ainda com um frio aguçado, — e regressavam bem dispostas. Recordava-se dum estirão por uma tarde de nevoeiro, em que um feliz humor de parte a parte tinha realizado portentos. A princípio eram únicamente nuvens que se arrastavam pelos cumes; depois, a névoa baixou às vertentes; cada vez mais rasteira, inundou os vales. Entardeceu rápidamente, uma tarde setentrional como se pintam nas ilustrações, uma propícia tarde de caça; a cer-

ração ainda engrossou, e acharam-se extraviadas. Diante delas, como fumos esparsos, a neblina corria em nuvens, impelida por um nordeste gelado. Ao falarem, o bafo condensava-se; destilava de tudo a humidade... Desceram por fim a um logarejo lamacento, onde galinhas cacarejavam tristemente; as vielas estavam forradas por um tapete de folhas velhas, em que os seus pés faziam chapechape; os pardais pipilavam nos beirais, aquecendo-se com o fumo que volteava dentre as telhas... E aí, nessa povoação, Luciana quisera arranjar guia, um rapazete se mais não fôsse; ela, porêm, tinha teimado em contentar-se com informações, imprudência que lhes valera recolherem noite fechada. Contudo, Isilda não conviera nunca em que tivesse sido imprudência nem acção de intrepidez; não sabia o que fôsse mêdo, e pelo caminho, apesar da estafa, haviam mesmo rido bastante.

Que diferentes dos de hoje êsses tempos! Não era ainda primavera; mas a vinda da sua camarada oferecia-lhe uma novidade mais fresca, regozijava-a mais vibrantemente, do que os mais lindos dias de sol. E agora, ali a velá-la como se ela estivesse para morrer!... — Espalhou o olhar em volta, por essa tristeza do quarto, parando de coser por um instante. Era peor do que tristeza, aquela sombra silenciosa, com o vulto branco da doente; era qualquer coisa de lôbrego que sugeria calamidade. No emtanto, não o acreditava; Luciana não havia de morrer. Impossível, impossível tão nova!...

O que quer que fôsse, arranhou na porta, primeiro furtivamente, depois sem ilusão admissível, um arranhar que arrepiava os nervos. Isilda, mau grado seu, escutou com o coração a pular. Fizera-

-se de novo silêncio. Sem tentar suposições sôbre êsse ruído inusual e inexplicável, a rapariga encaminhou-se para a porta, que devagarinho abriu. Ninguém, nada, no limiar! O corredor muito escuro.

—Anda por aí, meu padrinho?

Silêncio.—Voltou atrás a buscar um fósforo. Espreitou novamente para fora. O casarão tinha a mudez dum sepulcro. Entretanto, como a chama vacilasse, afigurou-se-lhe nos confins da claridade ver deslizar uma sombra. Com uma contrariedade despeitada ocorreu-lhe a conversação, entre Mateus e o doutor, a respeito de fantasmas. O fósforo apagou-se-lhe nos dedos; tornou a fechar a porta.

Não há sobrenatural, pensava. A justificação aparecerá. Ainda outro dia, o caso da Bárbara, que parecia tão singular e cuja explicação fôra simples... Desta feita, porêm, é que por certo não era a *Bruxa* quem ali vagueava. Não! essa estava bem longe—*por certo*.

Mas Luciana moveu a cabeça e acordou, ou despertou-a o rumor.

—Tenho sêde, Isilda! gemeu.

A enfermeira tirou água da garrafa e aproximou-se-lhe materna. Luciana bebeu a grande custo, com uma avidez, todavia, na atitude.

—Não posso mais, não posso mais! segredou apenas. Escalda-me a febre; o delírio endoidece-me.

Tentou puxar-se para cima um quási nada, mas desistiu com lamentos. A rapariga soergueu-a e ageitou-a melhor.

—Já não me pertence o corpo; só serve para me doer.

A respiração cortava-lhe as frases como a uma pessoa esfalfada.

—Seria preferível não conversares...

Porêm ela, com um agradecimento para Isilda, depois que se encontrou acomodada:

—O trabalho que te tenho dado!... Mas está por pouco, acredita. Agora sim, que perdi tôda a esperança!

—Cala-te, cala-te. É lá possível!...

—Que possível! Bem me sinto. É o fim do fim.

A amiga não respondeu para não traír a voz perturbada.

—E contudo, continuou ela, se alguêm há que deseje viver, sou eu hoje. Podia ainda ser tão feliz, pois não podia?... Ou mesmo que não fôsse muito... — Mas de que me servem desejos!?...

Falava com excitação febril.

—Dava tudo, o que possuo e o que venha a possuir, se houvesse um meio, fôsse o que fôsse... Mas decididamente não há, está provado. Nada conseguem nem os mais hábeis. Não há nada. Só um milagre.

Soavam lá dentro as dez horas. Isilda pegou num frasco.

—Isso não, êsse não; é um veneno! exclamou a doente, em voz clara, com um gesto tão sacudido quanto lho permitia a enfermidade.

—Experimenta, mais uma vez só que seja— persuadiu a companheira, pesarosa.

—Não; é matar-me, estou convencida. Percebo bem que peoro mais sempre que o tomo.— Afinal, o dr. Higino foi quem menos errou nos remédios. Havia sobretudo um... Êsse tomava-o de boa mente se ainda existisse algum resto...

—Sei qual é, atalhou a enfermeira; mas visto que te não está receitado agora...

—Aliviava sómente, disse êle; não curava. Que mais, entretanto, posso eu cubiçar presentemente?

E como Isilda se não rendesse:

—Não me há-de fazer peor do que êstes fazem.—Tenho diante de mim mais uma noite, prosseguiu, uma noite inteira horrorosa, (se chegar até à madrugada); e faltam-me as fôrças não menos que a coragem. Não resisto assim por muito mais, fica certa; é-me impossível sofrer tanto.

A amiga foi procurar sôbre uma prateleirita, a um dos cantos; mirou à luz o vidro do remédio, e declarou que estava vazio.

—Não me enganas? nem te enganaste?... Viste bem?...

—Conheço-o perfeitamente.

Luciana não redarguiu, num amuo em que se sentia o desalento.

—Porque não experimentas, só mais uma vez, êste?

—Não; tem piedade de mim!

—Hás-de então passar tôda a noite sem tentares algum tratamento?...

—Quero de novo tratar-me com o Higino.

—Amanhã. Mas até lá?...

A enfêrma aspirou com ânsia.

—Êste ar que nunca me chega!...

Reatou num tom convencido, duma indomável frieza:

—Até lá não farei nada. De pouco me aproveita o debater-me. Está-se tudo isto a desmanchar. É uma questão de dias, talvez de horas...

Ficou-se pasmada uns instantes. Uma coisa irrefutável, que se lhe antojava um instinto, nessa ocasião afirmava-lhe que estava senten-

ciada sem perdão. De nenhum modo se rebelava; parecia-lhe talvez fútil; apenas preguntava a si própria, numa preocupação de cérebro exaurido: a morte!?... a morte o que será?... Um resgate inexprimível, um tormento inacreditável, um recomêço portentoso, ou o nada exclusivamente? E êsse nada que vinha a ser? Que abismo, que negridão seria essa? Afigurava-se-lhe, nebulosamente, como um fundo de poço insondável, onde se jaz caído e ensangüentado, cego e surdo, pesadamente sonolento, sem poder bulir um só dedo, num esmagamento de húmidas trevas... E sentia-se arrepiar. Não mais sol, nunca mais vida!... Tudo era preferível ao nada—mesmo o renascer a outra existência humana depois dum viver tão cansado. E daí, nem tudo talvez... Oh! a certeza do que havia para além, seria antes uma atrocidade; mas a dúvida, que juntava em si, alternativamente, todas as certezas—a dúvida, que nenhum vivo jamais poderia desvendar—, era ainda peor atrocidade!...

—Já não creio que me valha a medicina—interrompeu-se Luciana por fim, sem de todo sair da absorção.

Isilda, por sua parte, fixava-a silenciosa, não tendo achado uma esperança a oferecer. O pensamento inibia-lhe a palavra e turbava-lhe mesmo a dôr. Era como se, pela vez primeira, concedesse algum valor objectivo às impressões da doente e admitisse a verosimilhança dos pessimismos que ela antevia. Talvez que à fôrça de conviver com sofrimentos, começasse a acreditar na desgraça. Abalára-a provàvelmente a placidez tão cruel com que Luciana se tinha exprimido. Quem sabe se seria a enfêrma, e não ela, quem acertava? Teria então vivido todo o tempo em completa

cegueira? Porque, ainda há um instante, estava bem longe de conceber um perigo tal—iminente e irremediável!... Alheada, perplexa, não desfitava a doente.

De súbito, Luciana manifestou uma inquietação e como que pretendeu puxar-se mais para cima; principiou a entreabrir a bôca, a deitar a cabeça para trás, estendendo desmedidamente o pescoço com uma sofreguidão de respirar; assim se conservou alguns segundos, numa atitude de agonia, que incertamente a lamparina desenhava. Isilda, muito assustada, mas sem um só gesto a mais, conseguira quási assentá-la. A asfixia abrandou; a enfêrma soltou um gemido... Fôra apenas uma forma mitigada dos seus tão freqüentes paroxismos.

—Num dêstes acessos, morro—murmurou.

Mais alterada que de costume, a companheira não soube que dizer. Esperava uma pausa, que não veio. Luciana prosseguiu logo, num esfôrço de desespêro, numa imprudência de quem vê tudo perdido.

—Eu não quero morrer, Isilda. Não devo; é injusto que morra. Tão nova! Podendo viver tanto!... Conheces horror igual!?... Sinto a morte aproximar-se hora a hora; e tremo dela porque não a conheço. Odeio-a porque me tira a vida, que é uma só e o melhor que tenho... Oh! Isilda, tu que és tão minha amiga, não poderes tu nem ninguêm salvar-me! Não me salvavas se te fôsse possível?... Isto pode vir dum momento para o outro, esta coisa que é para sempre! E eu não queria... não queria... não queria...

—Luciana, não fales assim, por quem és! Hás-de curar-te, não o duvides...

Porêm um soluço afogou Isilda.

—Quem me dera! sussurrou a enfêrma. Mas já é tarde... Se soubesses como isto horroriza!... E antes de tempo, de mais a mais! fora de tempo! quando queria viver...!

Fechara os olhos e ficou-se prostrada, balbuciando palavras esparsas.

Estivesse na sua mão acudir-lhe! scismava a amiga, inclinando-se para ela, a escrutar-lhe nas feições mal distintas, com uma curiosidade solícita, a amplitude daquele suplício. Mas que havia de fazer mais? Tentaria fôsse o que fôsse, para aliviar-lhe uma só dessas dôres, do corpo ou do pensamento,—quanto mais para salvá-la! Não via porêm que tentar.

Sob esta preocupação, de mansinho voltou a assentar-se, e maquinalmente retomou a costura. Luciana estava mais tranqüila do que antes daquela crise; ou não tornara à inconsciência e jazia apenas extenuada, ou caíra num torpor embotado, sem vislumbre de qualquer sofrimento, e que não duraria muito, por desgraça. Assim mais distanciada, supunha Isilda que menos a poderia perturbar,—e o seu coser era sem ruído. Faltava-lhe, de resto, bem pouco; e depressa tinha acabado.

Nos minutos que transcorreram, entre as mais várias divagações a respeito da doente, para quem olhava de quando em quando, as reflexões vieram-lhe derivando para a sua própria situação. Eis aí prontô êsse enxoval, que ela sempre fantasiara lhe devia trazer um inteiro júbilo, como uma evidência palpável da proximidade do seu noivado;—e contudo não a alegrava! Certamente as circunstâncias eram tristes e favoráveis à dúvida; mas, ainda assim, porque haveria de ser tão desfalecido o seu desânimo, como se o prazo que

cada dia se aproximava, estivesse agora mais longe do que nunca? porque seria a sua descrença como que tão definitiva, visto que os actuais obstáculos forçosamente teriam um fim? Era êsse fim que a atormentava?... Ou também, mais egoístamente, um arrastado adiamento em perspectiva? Talvez que o seu pessimismo fôsse apenas impressão de momento, o menos raciocinada possível—uma simples continuação ou reflexo da comoção que lhe ocasionara a sofredora. Ou ainda, seria o absurdo de já pensar irrealizável a sua suprema ambição, porque há tanto irrealizada! Não sabia por que decidir-se; mas procurava descobrir e rechaçar as causas do seu abatimento, que o instinto lhe afirmava insalubre. Ao cortar a derradeira linha com os dentes, e em seguida, ao retirar o dedal, não sentiu a satisfação forte duma áspera tarefa executada; tinha antes como um funesto palpito de que trabalhara vãmente.

Dobrou devagar a peça, com movimentos irresolutos. Afinal, dizia consigo para se dar serenidade, *êle* não faltava ao prazo marcado:—e não seria já, entre essas tristezas, um admirável regozijo!? E para tão breve, realmente, que não admitia desalentos, e fazia esquecer muitas máguas. Para que estava ela a dispor? O que o noivo resolvesse, era bem. Depois que Luciana se curasse ou com Luciana doente, efectuariam as núpcias,—conforme o que êle entendesse. E porque não com a companheira doente? continuava Isilda. Na verdade, não lhe era nada; era ali uma estranha. Mas quando mesmo a quisesse tratar, o casamento seria algum estôrvo? Uma facilidade, pelo contrário. Aí estava êle, até, para ajudá-la! Não duvidava de que o seu noivo adoptasse

aquela resolução; tinha razões para julgá-lo tão impaciente como ela própria, ansioso por firmar a felicidade do par...

Ao arrumar o seu estendal, não obstante as precauções deixara cair uma tesoura. A enfêrma não deu sinal de vida. Isilda simplificou o arrumo e deliberou ir instalar-se na poltrona à cabeceira da cama. Quedou-se um instante assentada, um pouco inquieta com essa calma tão súbita, a escutar a respiração de Luciana. Como podia ocupar-se em discutir tais problemas, tão fúteis em face dêste perigo? Experimentava um remorso. Pois não devia antes cogitar nos meios de valer à sua amiga? se mais não fôsse, de aliviá-la? Ainda regeitando exageros, não lhe era lícito conservar dúvidas de que ela estava perigosamente mal. Depois das suas palavras desesperadas cumpria-lhe redobrar de vigilância, para socorrê-la sobretudo no moral, instantâneamente, ao primeiro rebate; e em lugar disso afastara-se!... Que leviandade! Não percebia agora. Quem sabe se emquanto discorrera... E como não lhe ouvisse a respiração, assaltou-a um pensamento terrífico, que bruscamente a pôs de pé. Inclinou-se para ela. Estava surda? ou tão sómente desorientada de pânico?... Chegou-lhe o ouvido ao coração, abruptamente; Luciana não se mexeu. Vivia contudo; nada mais certo. Mas como as pulsações eram fracas, apressadas, irregulares!... Nunca a tinha auscultado em saúde nem sequer durante a doença, e, se já tinha auscultado alguêm, a sua prática era como que nada; adivinhava, porêm, que estava em presença duma função anormal, que aquilo não deveria ser assim. Às vezes, o coração ia como a parar (Isilda sentia-se confranger de susto); todavia recomeçava furtivo, pros-

seguia desigual, um pêndulo frouxo e mal regulado que não conseguia acertar-se. A rapariga imaginava por instantes estar assistindo a uma agonia; mas vista de dentro, o que era monstruoso, como se passasse no seu próprio ser, padecida por ela mesma. Êste sentimento fê-la acabar com a auscultação; endireitou-se, e ficou imóvel, alguns segundos a meditar.

Não podia determinar-se infalìvelmente sôbre a significação do que observara nem sôbre as aparências nefastas de semelhante letargia; mas tinha uma apreensão mortal. Devia então deixar a enfêrma, nêsse estado — talvez mais grave do que nunca, — tôda uma noite sem medicamentos?... Se porêm ela os não queria tomar! Sim, queria um certo, que supunha eficaz. Também êsse o não seria muito; mas a confiança é tanto para a cura! E desejava-o bem, isso é que era evidente; assim Isilda a pudesse contentar! Depois do último insucesso, nenhuma fé lhe restava nos médicos e pouca na medicina; mas o desejo da sua doente era mais do que bastante para que ela planeasse soluções. Dá-la como que ao abandono, compridas horas sem tratamento, é que de modo nenhum tolerava. Aborrecida sem fazer nada, a dormitar talvez na cadeira, quando podia ser útil!... mover-se!...

Mover-se!... E mal a ideia se esboçou, perfilhou-a logo entusiasta — como a única, a necessária solução, — num ímpeto, irreflectido e absorvente, do seu caracter apaixonado. Impossível!? Porquê? Nem mesmo difícil. Se sempre buscara satisfazer Luciana, até nos mais ínfimos caprichos, porque havia de hesitar, tratando-se dum desejo tão sério, que tão radicalmente interessava a enfêrma, relacionado com o facto vital de esca-

par ou sucumbir? Era urgente obter êsse remédio, que poderia trazer alívios,—confirmou Isilda, mais uma vez, consigo mesma;—e as conseqüências impunham-se-lhe. A sua coragem crente e activa saíra há momentos vencedora das suas vacilações quanto ao futuro, e porventura, graças a essa vitória, permanecia forte e audaz, num renascimento de índole seivosa, como fôra muitos anos: sim! iria à farmácia essa mesma noite. Luciana não havia de morrer, sem que ela empregasse quantos esforços humanos, mesmo inúteis ou arriscados, para arrancá-la à catástrofe. Partiria no mesmo instante. Amanhã, já talvez fôsse tarde.

Tirou de sôbre a prateleira o frasco rotulado com a fórmula. Por um momento tinha pensado na mulher do Tio Grande: incapaz de ir sòzinha à cidade, seria capaz de acompanhá-la. Porêm não! era preferível deixá-la ao pé da doente, a quem poderia ser prestável. Lançou ainda um olhar a Luciana; não dava sinal de acôrdo;—e dirigia-se para a porta quando o mesmo arranhar de há pedaço a detêve sobressaltada. O que era então que andava por ali e vinha raspar à porta? A que visava ou a quem?... Um tropel de fantasias insensatas desenrolava-se no seu espírito. Ilusão não podia ser: conquanto vago, êsse raspar era inequívoco; cessava um instante e recomeçava. Seria alucinação dos seus ouvidos, que zumbiam? Tantas noites mal dormidas haviam-lhe exaurido os nervos; mas ter-lhos-iam desconcertado a tal ponto? Esta idea causou-lhe uma vertigem; breve, porêm, lhe fustigou o ânimo. Queria saber a que devia ater-se, indagar a proveniência do que não podia negar-se, impressão subjectiva embora; e, para não afugentar o mistério, pé ante pé foi escutar. O ruído tornara-

-se um sussurro. Estava excitada, não havia dúvida; mas, afinal, sempre existia qualquer coisa, — os seus sentidos eram sólidos, ponderava, nunca a tinham grosseiramente frustrado. Entreabriu um dos batentes. Como da outra vez, não viu nada. Era a pouca claridade. Para quê, contudo, assustar-se? Várias conjecturas lhe acudiram, tôdas elas aceitáveis. E de repente, a alguma distância, um como que perpassar de patas fixou-lhe a opinião. Porque não seria o velho *Terror* pretendendo forçar a entrada?... O velho *Terror* — devia ser isso. Chamou baixinho por êle. Coisa nenhuma acorreu à chamada. Mas era o cão, com tôda a certeza.

Isilda, no emtanto, ficava empedernida, sem se resolver a avançar. Aquele inopinado incidente, desviando-lhe as reflexões, quebrara-lhe o entusiasmo. Devia, não devia partir? Não raciocinava a sangue-frio; a excitação, pelo contrário, redobrara — mas já não se dirigia a um fim exclusivo. Se ali tivesse à mão o Tio Grande!... Irritou-se contra a sua cobardia. Não tinha; passaria sem êle. Iria à botica e sòzinha. Porque não? Não constava que por êsses contornos aparecessem malfeitores. Do mais é que seguramente não havia que ter receios. Era desprezível quem se atemorizava com o ouvir as patas dum cão, ou peor, com imaginações e com suposições inverosímeis. Não fôra nunca medrosa; mas se era agora, não queria ser. O mêdo não havia de impedi-la. Quando a ida não tivesse outro êxito senão obrigá-la à coragem, queria e devia partir.

Tendo acendido uma candeia, do lado do corredor pendurada junto à ombreira, encaminhou-se para o quarto de Catarina. Olhava ainda se não avistaria o *Terror*. Porventura não fôra êle...

seria também para mal? Talvez o destino a estivesse tentando, atraindo para um esfôrço nefasto. Esta idea abalou-a de tal modo, que a fez parar hesitante. Mas soaram-lhe aos ouvidos palavras da sua doente: «Tenho diante de mim uma noite horrível,—se chegar até à madrugada; bem sinto a morte aproximar-se, não posso mais, é o fim; e se alguêm deseja a vida, sou eu. Não me salvavas se te fôsse possível?» E a sua trágica angústia? A sua expressão de terror!... Devia ir, tinha de ir. A desgraça não quereria que houvesse de acontecer qualquer dano no intervalo. Entre ida e vinda, calculava, gastaria duas horas; o essencial era marchar quanto antes.

Desaferrolhou o postigo do portão, que deixou simplesmente encostado. Cá fora no atalho olhou para cima, num derradeiro cuidado, para as vidraças de Luciana. Depois, procurou distinguir as carrancas que ladeavam as janelas, a experimentar se ainda a impressionavam com um vago susto, como na sua infância, estranhas e mofadoras. Pendiam delas farrapos de nuvem, onde pareciam formar-se, senão antes dissolver-se; mal se enxergavam porêm as feições. Eram efígies de pedra resistente, e contudo vaporosas, qualquer coisa como os seus pensamentos, ou melhor, como os seus receios; lembravam-lhe criaturas de outro mundo dotadas duma realidade impossível, tendo entretanto a aparente solidez e o esvaecimento da existência humana. Isilda baixou a cara com uma enfadada repulsão, e prosseguiu a passo lesto—o cão atrás, de má vontade,—até fundir-se na bruma luarenta.

QUINTA PARTE

I

Ao sair a porta da farmácia, Isilda sentiu nas mãos, que levantara para ageitar o chale na cabeça, como que as picadas duns borrifos. «Irá chover?» preguntou consigo. Porêm logo ao tornear a esquina para a Praça, erguendo os olhos para um lampião, viu uma turba de poeiras alvejantes rodopiando no revérbero. «É a neve», compreendeu.

Chuva ou neve eram contrariedades que de nenhum modo a reteriam; podia estar fazendo falta à doente. E Isilda atravessou o largo. Não obstante, porêm, a pressa — em vez de ter-se encaminhado na direcção das ruínas do Paço, para seguir depois o atalho por onde viera à cidade — endireitava para as travessas que a levariam à estrada. Seria isto avisado, — demais agora, com ameaços dum nevão?... Parou; quis retroceder, debatendo-se contra uma relutância; não pôde entretanto decidir-se a ir pelo caminho menos longo.

Junto aos candieiros observava a contradança

dos miùdinhos cristais, que boiavam lentejoilando, ou caíam repentinamente como pirilampos de prata feridos; se era às esquinas, desciam e subiam em desordem, fascinados, corriam soprados pelo vento como um enxame estonteado pela luz. Afinal, coisa muito pouca e que talvez não passasse a mais! Desde que saía da claridade, Isilda podia até supor que a nevada tinha cessado. As vezes, contudo, batia-lhe na cara, dando-lhe como que alfinetadas eléctricas; e quando lhe voltava as costas, rufava subtilmente sôbre o chale. Já no meio das ruas havia listras alvas, desenroladas a todo o comprimento, e gradualmente a calçada tingia-se de lés a lés duma brancura uniforme. Ela caminhava ladeada pelo cão, apertando entre os dedos o frasco do remédio, com um passo inesitante e sonoro, que o alastrar daquela branca passadeira pouco a pouco surdinava; olhando para trás via as suas pègadas, a princípio estampadas a negro, depois, como claras escavações sôbre a alvura, no seu andar agora mudo. Ocorria-lhe que a poderiam seguir, e, receosa, de quando em quando virava-se; mas nem viv'alma pelas vielas sinuosas, nem uma só vidraça iluminada lá no alto das velhas casas, nem um ruído ou um reflexo filtrados pela fisga duma porta; dir-se-ia a única pessoa em todo o vetusto burgo, a dormir dum sono pesado, como para esquecer a sua infeliz decadência, desleixado da sua miséria, imperturbado por êsse frio sudário em que o céu tendia a sepultá-lo. Sómente, no cotovêlo dum quelho, atravessou por diante de Isilda um gato hirsuto,—de mansinho, flexuoso, pé ante pé como para não macular a virgínea alcatifa das ruas; e mais alêm na mesma descida, na aberta duma encruzilhada, deparou-se-lhe um

outro vulto de animal, que se estirava sôbre a camada fôfa e se rebolava com prazer. Era um canito que largou a fugir, perseguido pelos rosnidos do *Terror*. Ela lembrou-se de narrativas absurdas de sábatos e lobisomens, e daquele encontro que o Tio Grande tinha contado à lareira, uma noite de tempestade.

Estava prestes a chegar à estrada e o seu passo como que afrouxava. É que ali, apesar de tudo, sentia-se acompanhada, e lá fora nos campos era a plena solidão sem um socorro que acudisse ao seu brado, ou peor, o roçar por algum estranho, que nem teria guarida. Contudo, a vinda realizara-se sem nenhum incidente grave. — Já perto da povoação, passara à frente dum pequeno rancho — duas mulheres carregando umas trouxas, outra escoltando um jumento em que se amesendava um homúnculo, sem dúvida algum idoso ou inválido; — e anteriormente, a metade do caminho, cruzara com dois almocreves jornadeando de companhia, seguidos duma récua de muares. Com o seu chale pela cabeça, a sua saia que repuxara, a encurtá-la, para imitar os saiotes das camponesas dêsses contornos, haviam-na certamente tomado por uma criatura do povo, que se dirigia à cidade nalguma missão aflitiva e urgente. De mais, o canzarrão a seu lado, impunha certo respeito (não sabiam que velho êle era!); e Isilda, ao perpassar pelos caminheiros, conquanto lá por dentro experimentasse um tremor e a respiração se lhe encurtasse, não alterava o seu andamento seguro. E tinham sido estas as peripécias avultantes naquela légua em serranias!

A despeito das preocupações, nalguns pontos o scenário distraíra-a. A comêço sentira estranheza em achar-se tão inesperadamente cami-

nhando para a cidade; do dizer ao fazer ia distância, só agora percebia. Depressa, porêm, se habituara, e assim que saíu da neblina, atreveu-se a espairecer a vista num ou noutro pormenor. A lua, conforme os lugares, aparecia quási límpida ou estreitada num anel de variável nitidez, uma auréola chuvosa e densa que a turvava. Viam-se alguns arabescos de estrelas, entrecortados apenas de diáfanas penugens; mas na terra permanecia a névoa, formando nebulosidades esparsas. Aqui enchia as reintrâncias como um líquido; ali deixava adivinhar o que cobria; acolá libertava as maiores rugosidades, debuxando um desenho a traço rápido, sem sebes nem arvoredos; além abria laceramentos, onde às vezes furavam cabeços azulados por um luar despolido. Era, de resto, muito impersistente; metamorfoseava-se a olhos vistos. Um vento que estremecia por instantes, parecia trabalhar contra ela. E, de súbito, esfarrapou-a em retalhos de gaze, varreu-os, evaporou-os. A lua fulgiu cristalina; um pouco acima mostrava-se um astro, que se diria mais fundo no céu, tremulando como um brilhante; perto do horizonte scentelhava muito estendido um quadrilátero de estrelas, com algumas outras ao centro apontando incertamente; ainda várias, espalhadas, semelhantes a graúdos bagos de oiro, vibravam infindávelmente no anil assetinado, duma pureza inalterada e fina. Era, por então, uma noite de álgido luar pairando sôbre um vasto silêncio. Isilda ia andando nessa ocasião a parte mais rude do trajecto, a mais bravia e talvez perigosa, um trato assaz largo de charneca, arrepiada de estevas altas cujas resinas viscosas rebrilhavam, hastes e fôlhas como que orvalhadas.

Fôra lindo atravessar naquele sítio, de que já

não estava lembrada, sob êsse fresco fulgor; ser-lhe-ia porêm menos molesto, reflexionara, se caminhasse na obscuridade, inconsciente da rudeza do esteval, sem uma sobressaltada insegurança que lhe apressava as pulsações. — Breve, contudo, o caminho tornejava e ela entrou num percurso mais ameno. Voltava a derramar-se no ar uma diluída teia de aranha; na vereda, desafrontada, avistava-se claro até longe, mas em todas as demais direcções, para alêm duns vinte passos, os objectos eram turvos. O luar, incidindo nos regatos, nos charcos, nas próprias pedras húmidas, juncava os campos como de gelos; mesmo os torrões, de espaço a espaço, crer-se-iam polvilhados de geada. Mais tarde, junto ao horizonte, principiaram a dispor-se grandes montes de estofados algodões, largamente recortados, scintilantes como alabastros; outros, igualmente pálidos e translúcidos, porêm enganadores, aguacentados, assomaram voando velozes. Contornavam uma longa extensão de céu; precipitavam-se ao encontro da lua, que lhes punha uma côr torrada, de canela; mesclavam-se depois uns aos outros, parecia; e derretiam-se, sumiam-se, profundando no azul. Ela, um disco levemente desgastado, surgia refulgente e brunida em meio dum rasgão vazio, uma clareira semelhante a um lago; quási de repente embaciava-se dum véu; ficava uma prata fôsca; tornava-se um zinco cada vez mais baço, uma circunferência esboçada apenas, uma sombra, e por fim nada, — para reaparecer por gradações bruscas, e voltar a desaparecer, agora correndo também, impetuosa, contra a enorme massa de nuvens. Pouco a pouco, por trás das mais baixas, formou-se um fôrro compacto e imóvel; ainda se distinguiam os contornos, as ramarias, os

relevos do chão, mas tudo assumira uma lividez sob essa cortina plúmbea: por último, tôda a amplitude da abóbada se acolchoou por igual duma só camada de azul cinzento estúpido; começou a marejar uma chuva miúdinha e regelada, que depressa se exauriu. O nevoeiro desceu novamente; as árvores ficaram a esbracejar na cerração, soltando um soluço contínuo e monótono.

Quando chegou próximo à cidade, Isilda ia fatigada, de certo, (fatigada, afinal, andava há muito); a coragem porêm mantinha-se, a vontade permanecia resoluta, e afigurava-se-lhe que tôdas as noites seria capaz de repetir êsse trajecto. A impressão mais acerba, a única afugentadora, teve-a junto à primeira casa—o abrigo miserável da *Bruxa*, que antes semelhava um covil,—ao subir para o cemitério; e de tal modo se sentiu abalada, que precisou de acolher-se à catedral, assentar-se nos degraus do adro entre as duas altas torres. Estivera apenas segundos; o edifício era também um pesadelo, inconsistente, fantasioso, inverosímil. Envolvia-o o mesmo tecido incorpóreo que vestia todos os objectos, a mesma túnica de estôfo mole que os separava e protegia uns dos outros; dir-se-ia incoercível, construído dum ar mais espêsso; desfar-se-ia se Isilda lhe tocasse. E espavorida de ilusões, recomeçou breve a caminhar, quási que fechando os olhos, direita às ruas, às luzes, aos viventes, para readquirir a realidade e o sangue-frio. Ao transpor o limiar da farmácia, estava serena—pelo menos, na aparência; todavia conservava tal lembrança dêsses últimos abalos, que não ousara regressar pelo mesmo itinerário.

Agora, longe do episódio, parecia-lhe que tinha sonhado, ou que devaneara por efeito do nervoso.

De facto, já mesmo a impressionara o entrever no casebre da Bárbara, através das gretas da porta, uma claridade avermelhada, de caverna de feiticeira. Que estaria ela tramando assim tão tarde? Prepararia os seus filtros e mezinhas? Confirmar-se-iam então as narrativas, que a representavam vagueando a desoras como um animal de rapina, à cata de almas pelos caminhos?... Sob estas suposições duma imaginação menos sã e exaltada talvez pelo temor, com os nervos tensos havia uma temporada, Isilda cuidou perceber —afigurou-se-lhe, nada mais! —que das trazeiras da habitação falavam para o campo mortuário, e que de cima, por trás do portão, com gestos brancos, uma coisa, um vulto indeciso, respondia. Deteve-se perturbada, sem ousio de continuar a subida, que a levaria por junto a êsse mistério; no mesmo instante, porêm, a voz calou-se e a figura dissolveu-se. Isilda passou pelo portão, sem olhá-lo; mas quando adiante se voltou, aí estava a mesma sombra a acenar por trás da grade, e em baixo a voz surdamente clamante, no seu esforçado cochicheio. —Ora, segundo a tradição regional, aquela aparição no cemitério, presagiava grande mal a quem a visse.

Aparte a abusão popular, que naturalmente a obsidiava sem saber e lhe mostrara essa coisa diáfana — pura fantasia ou equívoco da vista —, o restante era plausível. A Bárbara, como dizia o doutor, não diferia duma demente, e dêsses tudo há a esperar. Não seriam totalmente inventadas as histórias que dela narravam. Fabricaria amuletos e bruxedos; era acaso a primeira a ilusionar-se sôbre os seus poderes miraculosos; andaria a horas mortas pelos caminhos para lançar os sortilégios, talvez procurar e consagrar sím-

plices ou praticar os absurdos ritos duma liturgia tenebrosa. Mas, se tal acontecia, a caminhante estimaria muitíssimo que ela se lhe não tornasse a deparar... — Eis como discorrera depois, e do que não discordava agora. Mas, nêste ponto das suas memorações, uma dificuldade actual arrebatou-a de dentro em si e encaminhou-a a outros pensamentos. Tratava-se de tomar uma resolução.

Querendo entrar em casa quanto antes, esquivar-se o mais possível à tempestade de neve — se é que sobrevinha tempestade, — era preferível o atalho; mas, desde que não conseguiria evitá-la inteiramente por mais lesta que caminhasse, não seria melhor prosseguir pela estrada, onde o nevão, que tanto desfigura o piso, as orientações, os lugares, menos a poderia confundir? O principal, realmente, era chegar; pouco importava mais ou menos quarto de hora; e, tendo estacado um instante nêsse cruzamento que atingira, onde o carreiro se entralaçava na estrada, deliberou seguir esta até final. De resto, contra a sua expectativa (ia entretanto mais nervosa do que à vinda), cá fora em pleno campo, como se a sua individualidade, tão distintiva, se depurasse de influências e a energia se lhe desoprimisse, sentia-se com outra decisão que não tinha nos contactos e estreiteza da cidade.

Continuava ainda a nevar? Mal o sabia dizer. O vento havia cessado; as brancuras pelo chão, não pareciam fazer-se mais espêssas; em vários sítios até, ou se tinham esfarrapado ou mantinham-se ainda esburacadas de manchas muito retintas, — largas toalhas que o tear das nuvens, pelas desigualdades do solo, se descuidara de cerzir. No emtanto, Isilda já não supunha que a nevada ficasse em tão pouco, ou sequer que parasse

por momentos, — e, com efeito, estendendo o braço, via a manga salpoeirar-se, percebia sempre na mão, posto que subtilíssimas, as mesmas picadas de alfinete.

O grosso revestimento de nuvens, dum pardo azulado escuro, puíra-se a intervalos, ennodoara-se de transparências e rasgara-se de algumas fendas. Por essas interrupções divisavam-se estrelas, crepitantes como luzes para morrerem, semelhantes a lâmpadas sem óleo que, na vívida faiscação dos derradeiros lampejos, se apagavam, porêm logo renasciam, ficando outra vez a pulsar, incessante, intérminamente. A lua, conquanto escondida, por instantes clareava; o horizonte tinha-se tornado mais longínquo. Isilda ia costeando, mas muito de alto, o ribeiro, que se ouvia lá ao fundo como uma chuveirada forte e igual; a corrente era uma lâmina sem brilho, entrevista de quando em quando por entre os penedos marginando o caminho. As ribas, numa vaga aridez, tinham brancas horizontalidades, mescladas a relevos quási a prumo, dum matiz cinzento de prata; numa volta, duas das suas saliências projectavam sôbre a água dois dilatados borrões, entre os quais encoberto o luar estendia a superfície alvacenta dum ângulo. Cá em cima, para um lado, uma comprida linha de árvores interceptava o olhar; para o outro lado serpenteavam muros tacanhos de pedra insossa; por detrás alongavam-se os campos, velados na aparência duma bruma, até às ruínas do castelo, que pardecia sôbre um montículo, perto dum confuso pedregal que ela sabia ser a cidade. Por um minuto, a lua refulgiu; esparsamente, nas extensões planas, grandes tratos de neve branquejaram, em chapadas que scintilavam surdamente.

A par de Isilda, o *Terror* caminhava, silencioso, vigilante, muito cosido com ela. Houvera-se maravilhosamente durante tôda a travessia, e sem mostras de fadiga; como cão de guarda era excelente. Se as fôrças já lhe minguavam, ainda lhe não escasseava a coragem a despeito da velhice. Até ao último arranco se poderia contar com êle para a defesa. — Como iam por emquanto em descida, mulher e cão marchavam rápidos. De mais redera-lhes vigor a demora na farmácia, descanso que não fôra assim tão breve. Isilda scismava na scena, na antiga oficina de drogas, com um cheiro adocicado de hervanário, funéreamente alumiada a petróleo, e ela, alcachinada em cima dum mocho, embutida num canto, a dormitar, com o *Terror* estirado a seus pés; não obstante, porêm, a espera e as recomendações em que havia insistido, continuava preguntando consigo se o medicamento estaria perfeito — manipulado com esmêro e escrupuloso quanto à fórmula.

Tinha sido o praticante quem aviara a receita; o sr. Paulo partira com as manas, ao bota-fora da famosa sobrinha que abalava para longes terras. Foi uma decepção para Isilda, que não sentia fé no empregado, novo na localidade, inteiramente desconhecido para ela, sem decerto a nomeada e ainda menos a sabença do patrão. Isto fê-la reflectir; e, quando o rapaz tornou lá de dentro, onde ultimara a preparação, e já começava a embonecar o frasco com um carapuço de papel verde, inquiriu se êle conjecturava a que horas em casa do médico teriam por costume deitar-se. «O sr. doutor vem tarde do grémio, replicara o candidato a farmacêutico; as criadas ficam-no esperando, julgo eu, mas a família deita-se mais cedo». E querendo ser obsequioso para Isilda — a

quem, mau grado a mexeriquice de boticário e a coscovilhice de quási aldeão, não se atrevera a interrogar donde provinha mas imaginava da cidade e pessoa de educação cuidada — ofereceu-se para atravessar a rua e chegar a casa do médico, a indagar se já havia entrado. Ela aceitou, pensando proveitoso rogar a Higino que, na manhã seguinte, fôsse visitar a enfêrma—o mais cedo que pudesse—e melhor, ainda nessa mesma noite, comunicar-lhe os seus receios, consultá-lo acêrca do remédio, para maior segurança. O praticante, porêm, voltou dizendo que Higino estava fora da cidade, ao pé dum doente grave, e que não recolhia tão depressa; prontificou-se, no emtanto, a entregar-lhe um bilhete—que ela com duas penadas redigiu,—no dia imediato, logo de madrugada, ainda antes de tirar os taipais.

Desagradara a Isilda deixar um recado de bôca, temendo que o ajudante farmacêutico, pelas suas palavras, a identificasse, se o não fizera por emquanto; antes queria, para impedir falatórios e mesquinharias de soalheiro, evitar que, à excepção de Higino, alguêm soubesse na terra que estivera lá sòzinha,—não que se arrependesse da acção, mas porque ajuizava que Catarina, fôssem quais fôssem os resultados, não faltaria a censurar-lha, e justamente na proporção da sua publicidade. Quanto a si (tanto lhe bastava a serenidade de consciência) nunca se envergonharia dessa saída nocturna, quando mesmo não houvesse a intenção a justificá-la e não passasse dum passeio por capricho; insistia ainda, de resto, em julgar que praticava o que devia, e, apesar de certa descrença no remédio, em supor útil o seu esfôrço.

À vinda crera, sem dúvida, que voltaria mais

satisfeita, convicta dos resultados, a aplaudir-se pelo seu rasgo; á medida, todavia, que avançava, que se avizinhava a experiência, vagos turbilhões de incertezas revoavam no seu espírito: o que teria na sua ausência acontecido? quais seriam os efeitos da tentativa que estava para arriscar?...— e com isto ennovelavam-se váriamente outras das suas preocupações, menos próximas, até longínquas, umas genéricas abrangendo a família, algumas com carácter pessoal. Prosseguia agora menos ligeira — pois já não a ajudava o pendor do caminho — por um vale estreito e profundo, submerso de neblina. A neve tinha parado, ou nem mesmo ali caíra mas únicamente chuva — se é que a humidade do piso não resultava tão só da cerração. A princípio, Isilda ainda entrevia a lua por trás das nuvens de chumbo — parecendo ela própria de chumbo menos lívido, — algumas estrelas pelos interstícios, e lá no cimo da aprumada encosta arvoredos imóveis no vento apaziguado; mais adiante, a bruma engrossou, a lua ofuscou-se de todo — nem já poderia suspeitar-se em que lugar do céu estivesse —, a estrada ficou apertada entre duas muralhas de vapor. Em frente da caminhante, a esteira de macadame, ladeada de quando em quando por um tronco macabramente tortuoso, dir-se-ia terminar a poucos metros; depois, o nada, corrida súbito aquela cortina aquosa, — uma lactescência fria e indefinida onde tudo fenecia bruscamente. Isilda preferia ir atormentada nas suas cogitações a aplicar a atenção a essa vaporosa miragem, tão pouco feita para recreá-la. Uma circunstância, contudo, a chamou à actualidade: sem embargo da sua absorção, notava havia momentos que o cão dava sinais de mal-estar.

Assaltava-a mesmo o reparo de que não viera tão fleumático como se tinha mostrado à ida, conquanto ela, até aí, não ligasse a êsse facto maior significação.

—O que há de novo, *Terror*?

Já devia ter batido a meia-noite, e estaria em breve a metade do percurso — distanciada assim, o mais possível, de ambos os extremos da jornada, nos quais melhor acharia refúgio. À sua ilharga, um volumoso rochedo tomava o vulto duma alimária. — Se agora ali lhe aparecesse um fantasma como aquele do Tio Grande!?... Fantasias! Disparates!... Ainda era necessário primeiro que fantasmas existissem.

Todavia a inquietação do animal levava-a a escrutar a névoa, tentando varar com os olhos os objectos informes, que ela banhava e parecia emanar. Caminhava com algum susto, por entre êsses ensaios de criação — sombras ao longe, ao pé nuvens, — condensações apenas mais pastosas da massa da enorme nuvem. À proporção que se aproximava, abria-se diante dela o nevoeiro; depois, nas suas costas, fechava-se; as árvores, em atitudes catalépticas, erguendo os braços retorcidos, adiantavam-se ao seu encontro; passavam grotescas e nevoentas, e se Isilda voltava a cabeça, via-as esfumarem-se, vaporizarem-se, por fim absorvidas na bruma.

Atrás de si, ainda a distância, alguêm assobiava dentre a névoa o estribilho duma velha moda. Eis aí surgia o motivo do desassossêgo do cão! Não se divisava ninguêm por emquanto, mas quem se fazia preceder daquele ruído simples, não era com certeza um malfeitor — e menos uma alma penada. Nas interrupções do assobio entre-ouvia-se um confuso patear, que se perdia ou ti-

nha ar de afastar-se mercê dos rodeios da estrada, mas realmente se acercava vagaroso. Pouco a pouco saíram da cerração, cada vez menos imprecisos, embrulhados nas suas capas amplas, dois campónios de estatura avantajada, um dêles trazendo à arreata uma cavalgadura possante.

Embora até certo ponto familiarizada com êsses encontros, Isilda entendeu prudente, ou porque fôssem menos de esperar a tais horas ou porque os modos do *Terror* a impressionassem, ocultar-se no nevoeiro, subindo para a vertente, emquanto os homens não passassem além. A duas investidas, porêm, que empreendeu, para começar a escalada, o animal ficou hesitante, como se não penetrasse o que lhe queriam, ou antes, desaprovasse aquela mudança de rumo: seguia a dona com negligência alguns passos, logo quedava-se especado, abafando entre dentes um rosnido de duvidosa benevolência. A rapariga teve de ceder, com tanto maior razão, que nêste comenos já a haveriam avistado. E para quê, afinal, esconder-se? Eram viandantes como centos de outros que dia e noite percorrem as estradas, sem que por isso se cometam crimes. Deveria até sentir-se satisfeita por essa quebra de solidão, mesmo que só momentânea.

Em todo o caso, concedia, (abstraindo, está claro, dos seus trajes aquietadores de pacatos montanheses, que só podia ver virando a cara) vindos assim pela parte de trás, donde lhes seria fácil atacá-la à falsa fé, tinha bastante desculpa em caminhar sob uma incerta ansiedade. Mas, se mal conversavam um com o outro e em voz distinta—não bichanavam como quem trama—, e se um dos homens voltava sempre a assobiar essa toada, tranqüilamente familiar, de quem tem uma

consciência límpida, — não devia isso bastar para acalmar-lhe os balanços do coração?... Conseguia desta maneira persuadir-se e moderar o que chamava o seu nervoso. No emtanto, ao chegarem perto, arrumou-se contra a montanha e atrasou o andamento; êles perpassaram concentrados, sem uma frase, um sinal de saudação, respeitadores — nem um olhar —, e depressa a antecediam muitos passos. O cavalo dir-se-ia uma quimera, uma pequena moita vagabunda, todo recoberto de rama de carvalho, desde as orelhas às patas sonoras. A neblina sorveu depressa o grupo; Isilda, por algum tempo, ainda ouviu o assobio e as ferraduras da bêsta soando compassadamente; de novo ficou abandonada, sómente acompanhada pelo seu cão através dessa humidade luminosa.

Era mais como se caminhasse num crepúsculo do que por uma noite de lua; aquela claridade indefinível parecia os últimos raios sôbre um astro quási a morrer, a luz do dia num planeta estranho dos confins do sistema solar. Por vezes, a caminhante percebia ambíguamente, por trás dessa parede brumosa, a mais sólida barreira do talude; entrevia a curta distância vestígios dalguma sebe, em baixo um fundo que deviam ser campos, e sempre dum lado e doutro as mesmas árvores fazendo ziguezagues, mais indecisas quanto mais remotas. Agora, a estrada subia; Isilda ia mais pausada.

Aquele encontro que, no seu conceito, lhe pusera à prova uma vez mais o sangue-frio, havia-lhe dado, graças ao bom êxito e à suficiente presença de espírito que ela alcançara manter, maior confiança em si própria. Nunca se sentira mais audaz; afigurava-se-lhe que já nada dêste mundo lhe poderia causar mêdo ou emba-

raço. Voltava-lhe o optimismo na mais perfeita amplitude. Até ali, àparte um senão, tudo lhe fôra bastante bem; de modo nenhum era provável que tivesse qualquer revés no que lhe restava a percorrer; não tardaria a achar-se em casa; e a sorte, se a favorecera no trajecto, é porque tendia inegàvelmente a que ela válesse à enfêrma —e por certo o remédio a salvaria. Assim, Isilda, que tanto zombeteava dos agoiros melancólicos da amiga, estava agora caída igualmente em superstições ridículas—na verdade mais deleitosas, porêm não menos desrazoáveis! Era uma fé tão injustificada como a fé de Luciana; só diferia em ser consoladora. A optimista teve disso a percepção; resolveu apagar falsos raciocínios, achegar-se à realidado e atingir pela razão as mesmas opiniões esperançadas... Mas novamente o seu companheiro mostrava indícios de inquietação.

A medida que deixavam o mais côncavo do vale, era como se o nevoeiro se fôsse dissipando. Pouco a pouco distinguiam-se os traços principais da paisagem, dentro dum horizonte gradualmente mais vasto; adivinhavam-se alguns raros pormenores—um penacho de giesta envolvido em teias de névoa, um montículo de cascalho almofadado de vapôres, troncos que agora meneavam os esgalhos e se ouviam segredar—; do céu, conquanto invisível, já era realmente um luar que alvorejava. Em tudo isto, nada de suspeito; mas o cão recomeçara a rosnar por entre dentes, numa impaciência inexplicável, que por fim enervava a rapariga.

—Silêncio!... Caluda!... impunha ela.

Chegava ao cimo da ladeira, vinha saindo do apertado vale e de novo entreavistava os alvejamentos da neve, quando entre farrapos de bruma

divisou à sua esquerda, um pouco acima do caminho, um canzarrão que a ladeava.

—De quem será aquele bicho!?... murmurou. Não era o *Terror;* êsse estava a seu lado.— E com olhos perfurantes, Isilda buscava um dono ao recem-vindo.

Por instinto dobrou o passo; mas virando-se para a direita viu que pela escarpa subjacente à estrada, a encobrir-se com as moitas, a acompanhava ainda outro animal.

—Dois cães vadios! exclamou mentalmente.

E de súbito sentiu-se toda arrepiar ante uma horrível conjectura.

—Serão acaso dois lôbos?...

A esta idea imprevista acordaram na sua memória, emmaranhadamente, passagens aterradoras de contos ouvidos no inverno à lareira: mulheres, crianças, homens feitos, perseguidos longo tempo, irrompendo na choupana enfiados e esbaforidos; outros, atacados pelas feras, trepando a cústo para sôbre uma árvore onde esperavam socorro até à madrugada; outros, armados embora e robustos, num pinhal estrangulados pelas atrozes bocarras, a tal ponto devorados pela alcateia, que mal aparecia depois algum osso...

Os animais tinham-se sumido: o de baixo, numa forte sombra; o de cima, outra vez por entre a névoa. A caminhante olhou por um momento, com esperança; êles tornaram a surgir.

Seria possível que aquilo fôssem lôbos? Nunca os vira senão desenhados... Existiam então verdadeiramente?... E era crível que ela em pessoa os encontrasse tão de perto, em liberdade, apenas defendida pelo mastim!...

Apesar da sua bravura espontânea, do aspecto meio bonacheirão dum dos animalejos, assim

observado de perfil, e do ar quási tímido do outro, a ocultar-se na brenha, Isilda, por um efeito irreflectido do instinto, sem que de nada lhe valesse o muito império sôbre si, levava os cabelos em pé. Contudo, afigurava-se-lhe um caso dos que costumam acontecer só aos outros. Contra vontade, recusava a evidência da sua compreensão, mesmo dos seus olhos; parecia-lhe uma irrealidade. Ela, que não fôra nascida para amanhar a terra nem calcurriar as estradas mas fadada para uma vida doméstica e vivera até hoje arredada dêsses perigos, havia de estar guardada para semelhante aventura!?... Tal não existia; fantasiava! Era um episódio fora do seu destino. — Ou então é porque o incidente não teria conseqüências. Escaparia de tôda a maneira. O seu companheiro salvá-la-ia...

Todos êsses pensamentos e emoções, encadeando-se a pensamentos mais incertos, derivando em emoções mais indecisas, tumultuaram rápidamente na sua alma. Breve lhe veio maior serenidade. O seu ânimo era daqueles que se elevam com a rudeza das provas; e, depois do primeiro abalo, ainda raciocinava mais claro do que anteriormente ao perigo; a excitação dava-lhe lucidez. No entanto, para afugentar o pavor, tirara a vista de sôbre as alimárias; fitava o cão na sua cólera retida, precedendo-a com um andar calmo.

Mas de facto seriam lôbos?... E conseguiria chegar a casa antes que êles se atrevessem a assaltá-la?... Distava talvez menos a cidade... Voltar lá e pedir escolta. Mas para a cidade era tudo subida; ainda gastaria mais tempo; e quem achava àquelas horas para escoltá-la!?... Por instantes tivera ímpetos de parar ou retroceder; impedira-a a noção inconsciente de que não devia

revelar mêdo ou hesitação. Deitar a fugir, maior loucura! os seus perseguidores, plausívelmente, seriam como a cainçalha, mais encarniçados contra quem foge. O melhor era continuar, com o seu passo mais natural — se tivesse energia para tanto...

Pôsto que não visse os animais, sentia-os sempre a seu lado, talvez agora mais distantes, dada a configuração dos taludes, e a ficaram-se um tanto para trás. Estas impressões confrangiam-na. Tomara, ao menos, não pressenti-los!... Nem mais queria discutir-lhes a raça! Preferia ignorar o risco, não entrar fundo na situação, temendo que as fôrças a abandonassem. Logo, porêm, resvalava a preguntar-se desde quando a acompanhariam. Desde a ida para a farmácia? Naturalmente era desde que o *Terror* principiara a mostrar-se irritado... E justamente, essa irritação, pensando bem, demonstrava pela sua maneira que êles pertenciam a outra espécie. Se fôssem quaisquer rafeiros, o cão teria latido, é provável, ou ter-lhes-ia já saltado, seguro de que os poria em retirada.

— São lôbos! não são outra coisa! resolveu mais uma vez.

Nisto, como a arrancar-lhe a última dúvida, um dêles começou a regougar, não muito perto, na retaguarda — apenas um instante e surdamente. Sob esta dura evidência, Isilda teve a sensação de que as pernas a atraiçoavam; mas uma idea fulgurante restituiu-lhe a ousadia, impeliu-a com mais ardor do que até ali, atirou-a para a frente num andamento acelerado. Êsses camponêses de há pedaço que lhe tinham passado adiante, nêles estava a sua salvação! Era preciso alcançá-los, gritar-lhes logo que os avistasse, e

ou a lobada desistiria em presença daquele auxílio ou os dois homens saberiam defendê-la.

Alongou o olhar quanto podia; o nevoeiro que se esfrangalhava, facilitava-lhe a investigação. O matagal, aqui e acolá, estava rasgado de alvinitências como se tivesse malhas de luar; a terra nua desdobrava tiras ao de leve fosforecentes; a tôda a altura dos troncos riscava-se um traço de giz. Entretanto, na faixa da estrada, não se descortinava viv'alma. Seria porque não muito longe fazia uma volta brusca. Ultrapassado êsse cotovêlo, se entrasse numa recta extensa, julgava Isilda que forçosamente divisaria os caminheiros.

Lembrava-lhe mesmo bradar desde já; desconhecia porêm os efeitos nas feras, se não as açularia. — Levantara-se outra vez vento; de novo a camada de neve rangia sob os seus pés. Não nevava por agora. De resto, bem convencida de que o seu plano era o único, Isilda não deixava demorar-se a ponderar dificuldades nem os pequenos embaraços a atrasavam. Só pensava em caminhar, ir depressa, andar, andar.

Prosseguiu assim alguns minutos, que pela distância percorrida não seriam demasiados, mas que quási lhe pareceram horas. Entrementes o *Terror* calara absolutamente os rosnidos; era como se houvesse recuperado tôda a sua pacatez. A dona ousou voltar a cara. Nem à esquerda nem à direita viu nenhum dos animais. Alentada, olhou para trás; haviam desaparecido sem vestígio. Encobriam-se ou teriam renunciado? . . . Vacilava no que supusesse. Daí a um instante tornou a pesquizar. Seria o cão quem a salvara, ou porventura a proximidade dêsses homens atrás dos quais ia correndo. Afrouxou o passo; deteve-se uns segundos, enxugando o suor sob os cabelos. Com

aquela é que não contara! Olhou ainda emquanto descansava, muito desconfiada, esquadrinhante. Aquilo ali?... Não, não; era um ramo de piorno agitado pelas lufadas. — Fôram-se deveras, inferiu.

Recomeçou a caminhar, reanimada. Se tinha escapado desta, não lhe faltaria que referir!... Uma espêssa nuvem velava a lua, fazendo carrancuda, apesar das branquidões, tôda a extensão de mato e rochedo. Assim, sob essa luz fúnebre, era bem uma paisagem de lobos — como ela as devaneava nos contos da sua infância. E, de facto, lôbos e bruxas, fadas e moiras encantadas, constituíam sêres que, para Isilda, só haviam admitido até então molduras de fantasia e não diferiam grandemente no grau de irrealidade. Sem ter disso perfeita consciência, acaso mesmo contra o protesto oculto da sua sensata razão, até à noite de hoje imaginara aqueles animais como mitos, as suas histórias como lendas. Mas agora, não; já não via dêsse modo; no seu cérebro havia mesmo um alvorôto em que a sua credulidade se alargava estranhamente. Nada seria impossível, acreditava por instantes; e como esta suposição a tornava menos audaz, lhe demonstrava o inconveniente de seguir desacompanhada, apressava-se outra vez, na esperança de alcançar os camponeses.

II

Por uns momentos, o vento zuniu; depois, pelas faces de Isilda, perpassou como que um rufar de pontas de dedos enregeladas. Ela virou o rosto para o céu; os toques gélidos amiùdaram-se; estava novamente a cair neve, mas rápida e grossa agora.

—Antes isto! exclamou consigo.

Era no tornejo da estrada que as rajadas sopravam com maior violência; a caminhante baixava a cabeça e sentia-as assobiar rente aos ouvidos. Mais adiante, porêm, pôsto que ainda arrebatadas, conseguiu estender a vista por um estirão rectilíneo de caminho, como fôra seu desejo. Um grande desânimo a feriu; não enxergava os dois homens. É certo que as cordas de neve escondiam o horizonte e formavam uma espécie de névoa, que se interpunha súbitamente, desde perto, em volta dela; poderia contudo lobrigá-los como sombras,—a menos que fôssem lá no extremo da visão. Seria assim; é que ainda

estavam longe. Era preciso então correr para apanhá-los?...

Entre êstes pensamentos ocorreu-lhe — porventura mera sugestão para explicar o que acontecia — que, quando perseguida pela lobada, atravessara mais uma vez o atalho que da cidade conduzia a sua casa — ou êsse ou outro carreiro, por onde os dois montanheses podiam ter enveredado. Repreguntava a si própria se não laborava em confusão; fôra porêm tão absorta no perigo, que não ousava agora negar nem afirmar aquele incidente importante. Desejava também recordar-se se o atalho cruzava ali algures; mas tão pouco o sabia dizer, desconcertada pela frouxeza do luar, e talvez pela alteração da perspectiva que à ida teria achado, visto que então transpusera a estrada e desta feita a percorria.

Em tempos conhecera melhor qualquer dêsses itinerários; nem mesmo esta noite se estreava a efectuá-los a pé; todavia tais excursões ficavam já tão remotas! Mal vinham aquêm da sua infância... E num relâmpago, o pensar na infância fez-lhe lembrar-se de tôda a sua vida, em quatro ou cinco quadros amplos, entretanto minuciosos, que abrangiam as épocas dominantes. Afinal, contra o que avaliara, aquela aventura de há pouco era bastante adequada à sua biografia singular, onde um futuro prometedor das maiores transformações sucedia a um presente cheio de inesperados, uma ilógica juventude a uma menínice imprevista, depois dum comêço misterioso, que talvez só um ente no mundo — e êsse bem estranho e repelente — poderia esclarecer...

Mas a verdade era que, se não chegava a alcançar os caminheiros, tinha de resignar-se a

prosseguir sem companhia até casa, quando já a seduzia a esperança de fazer-se acompanhar — ao menos, uma parte do percurso. Àquela hora, porêm, a não ser por um raro acaso, que outra pessoa se lhe depararia? Só se fôsse a Bárbara, que, segundo o vulgo, costumava andar à caça de almas alta noite, seguida dum cortejo de espectros, antecedida por uma matilha de lobos. Esta idea, de que se apossou com fervor — para dispersar por uma vez, mercê dum gracejo irónico, os seus pensamentos constrangidos e aversões acêrca da *Bruxa* — ocasionou-lhe contudo um arrepio, por lhe ocorrerem os lobos que havia encontrado, e a scena a que crera assistir, passando pelo cemitério. Seria aquilo realmente um mau prenuncio?...

A neve continuava a cair, rápida, incessante, invisívelmente; Isilda via o chale e a saia mosquearem-se de alvuras; as pedras tinham chapadas claras como se dum lado recebessem mais luz; o filete branco dos troncos ia-se tornando uma larga fita. No céu de aspecto chuvoso, onde por trás se sentia o luar, perpassavam a tôda a pressa, por sob uma cortina borralhenta, vastidões esbranquiçadas. Avistava-se, mesmo assim, até distância; porêm Isilda, por mais que se aplicasse, não descobrira ainda os viandantes.

Deveria retroceder à procura da vereda? E se ela não existisse!?... Perder passos nêste momento?!... Para mais, retroceder não era ir ao encontro das feras? Tinha a certeza de que os animais estariam já lá tão longe? ou fugiriam agora ante si? Prouvera que pelo contrário não a viessem perseguindo!... Desassossegada, fitava o *Terror;* parecia-lhe que desde uns instantes não trotava tão descuidoso. Tambêm, pela sua parte,

e sem entender porquê, sentia os cabelos eriçarem-se-lhe.

Queria de novo abrir a represa à torrente excitada dos seus pensamentos, que lhe encurtavam o trajecto e a esqueciam do perigo; mas o receio, imerso apenas no seu pronto optimismo, subia outra vez a lume, e a espontaneidade já não a ajudava nas suas diligências por distrair-se. Um pressentimento mantinha-a vigilante; chamava-lhe tôda a atenção para os seus cinco sentidos.

O cão voltava a rosnar com uma cólera crescente. Isilda percebia o inevitável e contraía-se de angústia. Não alterava contudo o andamento; fechava os olhos da compreensão como alguém que tão só cerra as pálpebras à espera duma pancada a que não pode esquivar-se; mas a submissão aparente não suprimia um desespêro misturado de desalento.

Tinha passado pela frente dum pequeno cómoro; num vasto refêgo que se lhe seguia, distinguiu brumosamente lá adiante, por entre a fumaceira da neve, o fantasma dum quadrúpede a armar um salto violento, e logo atrás dêle, outro a saltar.

—Ei-los aí estão novamente! pensou transida.

Era-lhe impossível, relanceando-os, por mais negligentes que se lhe apresentassem e por mais esforços que fizesse sôbre si, conservar tôda a placidez e obedecer integralmente ao bom-senso; como porêm com ânsia o desejava—pois aí supunha o salvamento—pôs-se a repisar mentalmente banais frases para animar, à maneira doutra pessoa que lhe estivesse falando: «vamos, vamos, não se deve sucumbir!»—e procurava ainda uma vez enfeixar algumas ideas que lhe dessem segurança.

Afigurara-se-lhe que os lôbos, em lugar de endireitarem para a estrada, antes se tinham afastado; ocorria-lhe imprecisamente que levariam um rumo distanciado mas paralelo ao seu; contudo, por muito que a incitasse o desejo, não se atrevia a averiguar.

Pouco a pouco, porêm, a inteligência, não sendo convulsionada por nenhum outro incidente, aclarou-se-lhe emfim, e ela acabou por abranger a situação com perfeita nitidez. Conseguiu também forçar-se a olhar, ao menos para ambos os lados. Nessa rápida investigação, nada avistou que a impressionasse, o que concorreu a serená-la. Todavia era-lhe evidente que os seus dois perseguidores, continuassem a descoberto ou mais uma vez emboscados, não haviam desistido; agora já não queria iludir-se, e combatia pela razão contra o seu temperamento esperançado, para evitar nova surpresa tão dura.

Por momentos picava-a o apetite de deitar olhos para trás, afim de verificar se os dois lôbos a acompanhariam pela retaguarda; impedia-a a consideração de não ser crível que os divisasse, porquanto o nevão mal permitia vêr para longe. Não devia malbaratar tempo; e se os descobrisse —então, muito peor! porque o temor a incomodaria, ou ainda mais, lhe tiraria as fôrças para operar a sua salvação.

O vento procedia por refegas, diversamente impetuosas, e, quando a estrada se encurvava, variáveis de direcção, quanto a Isilda. Agora estampava-lhe na testa pequenas pastas de neve; interceptava-lhe a passagem, com um verdadeiro rancor: era como se intentasse facinorosamente fazê-la vítima das feras. Esta malquerença dava-lhe a terrífica impressão de que tudo se combi-

nava para perdê-la. — Quando alcançou desenvencilhar-se, aferrou-se a uma concepção exclusiva, como a única ainda apta para conservar-lhe a coragem: Contanto que encontrasse os montanheses e que os lôbos não a atacassem antes!...

Tornava a êsse projecto de encontro, por mais absurdo que fôsse agora; mas, por instinto de conservação quási, não o queria discutir. De resto, como o caminho principiara a traçar uma curva pouco larga, que a cada passo transmutava a perspectiva, podia indefinidamente sustentar ou renovar a fé de lobrigar os homens dum momento para o outro. Prosseguiu assim um longo espaço — ora por um efeito espontâneo, ora por um acto de energia a imaginação desviada do perigo, com o entendimento fixo naquela esperança. Não deixava, em todo o caso, de levar os cabelos em pé.

Entretanto o cão, havia minutos, virava de quando em vez o focinho; a idea de que os animais lhe podiam vir no encalço a uma distância visível e assaltarem-na por detrás em plena desprecaução, relampejou no seu espírito e obrigou-a a voltar-se brusco. Apesar porêm de que os seus olhos tinham um tanto da penetração montesina e já se achavam afeitos nessa noite a perscrutar a meia-luz, não conseguiu agora em parte alguma entrever as alimárias, e Isilda respirou com um grande alívio, como se estivesse de todo escapa ou como se deveras se houvesse arrancado das fauces escancaradas das feras.

Por uns instantes afrouxou o andar — também não podia mais aguentar essa extenuante carreira —; depois recomeçou a caminhar num passo vivo porêm não violento. Que a situação se apresentava grave, não o pretendia negar-se; emquanto

contudo mantivesse o sangue-frio — ia scismando, à medida que avançava — a salvação não era improvável. A desorientação, o acobardamento, eis o que devia temer e por todos os modos evitar. Recordava-se de ter ouvido que só em circunstâncias muito raras aqueles animais atacariam gente. Pode ser que não ousassem atacá-la. De resto, sempre teriam algum mêdo das guelas dum cão, embora idoso. Fôsse porque fôsse, hesitavam, e um recurso que ela via bem patente, era aproveitar-lhes as hesitações para vencer o mais possível do trajecto. Não tardariam a reaparecer, talvez a porem-se-lhe sôbre os calcanhares; e assim, quanto adiantasse, era proveito, antes que a salteasse outra vez o pânico.

Exactamente acabava de chegar ao cimo duma descida — bastante extensa, ao que ainda se lembrava. Resolveu transpô-la com tôda a rapidez de que se sentisse capaz. A ventania, que se tornara permanente, dava-lhe agora quási pelas costas; Isilda regozijava-se, não tanto com o impulso que recebia dela como por entender que a natureza se havia convertido em seu favor. Contudo, a cada passada, pôsto que ali a cama de neve fôsse menos densa do que noutros lugares, tinha de tirar as solas de dentro dum molde fôfo que lhe dificultava a ligeireza. O *Terror*, de espaço a espaço, sacudia-se, para se livrar daquela estranha poeira que ao derreter-se o arrefecia. Isilda trotava sem uma pausa; o descer, solicitando outros músculos, era-lhe sobremaneira um descanso; — e entretanto fugia de pensar em qualquer coisa que fôsse, só para que não lhe ocorresse o perigo.

Quando atingiu o baixo da ladeira, serviu-se do impulso obtido e da relativa folga, para ainda andar rápidamente um considerável percurso.

Compreendia que os camponeses não viria já a encontrá-los e que podia contar consigo apenas. Era forçoso, portanto, reunir tôda a energia, afim de empregar o único meio que estivesse nos seus poderes — chegar quanto antes a casa.

De tempos a tempos voltava-se, a indagar se os lôbos a seguiam. Tinha por vezes como uma esperança de que com a pressa que se dera lhe houvessem perdido a pista. Açodava-se para sair desta extensão desabrida, preguntando-se de quando em quando se estaria muito longe; emfim conseguiu entrar num trato mais abrigado, uma espécie de garganta protegida por dois taludes.

Atravessado êsse curto corredor, que lhe proporcionou certa trégua, antes de tornar para o terreno aberto decidiu parar uns segundos, que lhe acabassem de reparar as fôrças e permitissem algumas precauções. Nêsse intuito achegou-se a uma das barreiras, o concertar a bioco e a fixar melhor a saia repuxada. Não era sem inquietação nem mesmo sem todo o remorso que parava, — quando ao lançar olhos desassossegados para a escarpa na sua frente, descobriu em pé lá em cima, imóvel, negro de bronze, igual a um emblema de sepulcro, um dos carnívoros obstinados, ali postado certamente à sua espera mas com o focinho virado contra ela, num ar de quem observa para longe, como se não a aguardasse. Impelida por esta visão, Isilda atirou-se para o meio da estrada e imediatamente se pôs a caminho, numa pressa automática de quem foge.

O vento serenara um tanto; podia assim dirigir a vista a várias partes para escrutar onde os lôbos se acoitavam, e não foi preciso que olhasse muito tempo, para descortinar na lisura do planalto, quási lado a lado com ela, as duas imper-

turbáveis alimárias, acolitando-a mudamente, uma à esquerda, a outra à direita, a poucos metros do macadame. Por felicidade julgou ouvir o tropel dum cavalo; só de maravilha toparia agora com aqueles dois caminheiros; todavia apertou ainda mais o passo. As feras apressaram-se também.

Ela entreavistava-as com o canto dos olhos, emquanto apurava o ouvido. Às vezes adiantavam-se-lhe algumas passadas; às vezes ficavam outro tanto para trás; em geral acompanhavam-na a par, mas desaparecendo, ora uma ora ambas, por entre as vegetações ou nas vagas do terreno. Nunca estreitavam a distância que as separava da caminhante; e a despeito do acelerado em que todo o grupo marchava, crer-se-iam inofensivos companheiros de digressão. Isilda deixava de ouvir o cavalo; sentia apenas uma zoada nas orelhas; mas não perdia por isso a esperança. Por instantes concluia que era o seu próprio coração; porêm logo se lhe afigurava mais perto, apesar da altura da nevada, o duro som das ferraduras.

Se houvesse ido pelo atalho, à rapidez com que caminhara, estaria muito perto de casa; e quem sabe se por êsse roteiro não teria encontrado os lôbos! Não teria?... Não era bem certo. Ao menos houvera tomado por um caminho mais seu conhecido. Perceberia com mais justeza, não obstante as confusões e encobrimentos do nevão, quanto ainda lhe faltava para chegar. — Amaldiçoada fôsse a Bárbara que tanto pesara nos seus propósitos!... Mas quem era essa criatura para influir-lhe na existência — em ocasiões das mais graves, já desde antes do seu nascimento!?... E aí estava realizado o vaticínio do cemitério, nesta perseguição pelas feras!... Essa idea fê-la estremecer cheia de angústia, na previsão dum hor-

rendo acabamento àquela aventura tremebunda. Debalde queria expulsar tal preconceito, despersuadir-se ou esquecer o facto. Seria um preságio de extinção?...

Entrementes, a ventaneira fazia-se novamente agressiva e por momentos desnorteada; quebrando as cordas nevadas aspergia-lhe o rosto de frialdades, que cegavam e entonteciam; puxava-lhe o chale, embrulhava-lhe a saia entre os joelhos, enrodilhava a neve em redor dela, levantando-a do solo em nuvens, que obscureciam o já restrito horizonte, como se movesse um areal. Indiferentes à colérica inquietação do *Terror,* os dois bichos flanqueavam Isilda, à mesma distância invariàvelmente; mercê porêm da poeirada, que os sumia, ela imaginava por momentos que se tinham afastado. De resto, ao mirá-los de relance, a escoltarem-na sem impudência e vaporizados pela bruma, a caminhante, com pouco custo, poderia fantasiar que não passavam de cães, e até sem existência real. Depois de estar sendo perseguida por êles, e mais ou menos sob essa impressão, havia talvez meia hora — segundo a reflexão lhe indicava, que o sentimento alongara-lhe os minutos, — acabava por achar tolerável o que a princípio lhe parecera horrível, por considerar trivial o que a comêço julgara absurdo. Afinal, poderia pensar-se que não fôssem tão ferozes como os descrevem, ou pelo menos, não tão atrevidos. Ia até crer que o mais depressor era a lembrança da tal aparição, que a roía, quando menos, surdamente.

Também aquela imaginação de ter ouvido um cavalo a tropear, só lhe renovara os desapontamentos. Aguçava o olhar com ansiedade, quando a neve, desabando a prumo um instante, lhe descobria mais horizonte; mas não distinguia pessoa

alguma. Estava agora convencida de que a ilusão tinha provindo do latejar das artérias, que escutara, senão do palpitar do coração; por pouco que se aplicasse, ouvia-as nêste momento, sem confusões, como resultado da sobreexcitação e dum certo arquejamento. Ao menos — e era isso que lhe mantinha a tenacidade — supondo embora bem ardente a sua impaciência de chegar e que junta ao excesso de emoções lhe ocasionasse a impressão de haver andado muito mais, não devia já estar longe de casa. Assim, a sua proximidade pusesse depressa em fuga êsses medonhos companheiros!... Sim, tornassem êles a afastar-se, fôsse mesmo por poucos minutos!... O físico não a inquietava pois que se conhecia resistente; mas o moral preocupava-a, depois de tantas canseiras e cuidados como a afligiam nos últimos tempos. Receava que, agravando-se a sua aterrada comoção, lhe fôsse um impedimento de levar a cabo o percurso.

Nisto surpreendeu-a um ruído de estalos, como se alguêm castanholasse com os dedos. Que mais teremos? pensou sobressaltada. O ruído repetiu-se por três vezes; cuidar-se-ia um sinal. Um bando de tresloucadas hipóteses esvoaçou no seu espírito. Mas logo do outro lado, como em resposta, soaram umas iguais castanhetas. «São os bichos!» compreendeu, ainda mais arrepiada. «Que quererá aquilo dizer?...» Ignorava os meios de defesa, mas o instinto aconselhava-a a fingir que não os via, que não lhes ligava importância. Por fortuna, parecia-lhe reconhecer os locais e que já não se encontrava muito distante da vereda por onde havia de seguir para chegar ao portão do solar. Tentava descortiná-la, e mais alêm o edifício; mas ainda não estava assaz